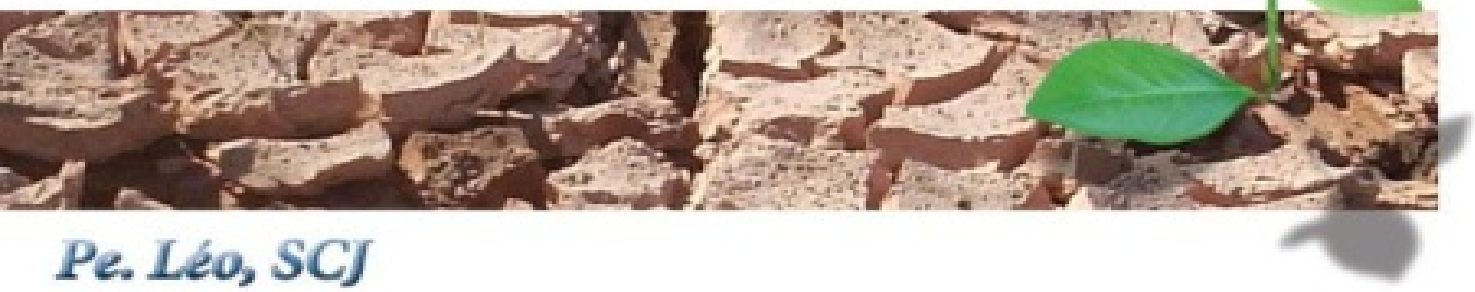
Cura dos Traumas da Morte



Pe. Léo, SCJ

Editora Canção Nova

Pe. Léo, SCJ

Cura dos Traumas da Morte

Canção Nova
EDITORA

EDITORA: Cristiana Negrão
ASSISTENTE EDITORIAL: Jocelma Cruz
CAPA: André Porte
DIAGRAMAÇÃO: Tiago Muelas Filú
PREPARAÇÃO: Eliane de Abreu Santoro
Lilian Miyoko Kumai
REVISÃO: Patricia Bernardo de Almeida
DIAGRAMAÇÃO DIGITAL: i9 Design / Claudio Tito Braghini Junior

EDITORA CANÇÃO NOVA
Rua São Bento, 43 - Centro
01011-000 São Paulo SP
Telefax [55] (11) 3106-9080
e-mail: editora@cancaonova.com
vendas@cancaonova.com
Home page: http://editora.cancaonova.com
Twitter: editoraen

Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-85-7677-022-0

© EDITORA CANÇÃO NOVA, São Paulo, SP, Brasil, 2010

Irmãos, não queremos deixar-vos na ignorância a respeito dos mortos, para que
não fiqueis tristes, como os outros,
que não têm esperança. [...]
Deus, por meio de Jesus, com ele conduzirá os que adormeceram. [...]
E, assim, estaremos sempre com o Senhor. Reconfortai-vos, pois, uns aos outros
com estas palavras.
(1Ts 4,13-18)

Saborear o luto

Não existe nenhuma pessoa neste planeta que não tenha passado pela experiência da perda de um ente querido. Essa é uma experiência profundamente humana e dolorosa. Por mais que se goste da pessoa amada, nunca mais, neste mundo, você poderá conversar, brincar, brigar com ela, partilhar de sua presença, tocar nela e nem olhar no fundo de seus olhos. Por isso a dor é tão grande. Parece que nos roubaram o chão.

Diante da morte, as reações são absolutamente únicas. Alguns tentam ignorar a tristeza. Outros acabam se fechando em si mesmos. Existem ainda aqueles que reprimem a dor. Nada disso adianta! A dor é real e precisa ser corretamente vivida. É necessário aprender a chorar diante de Deus. Quem chora em Deus não se afoga em suas lágrimas!

O luto é o tempo de que precisamos para retomar nossa vida. É um tempo difícil, mas muito importante. Muitas vezes a pessoa sente um misto de emoções: revolta, tristeza, conformismo, raiva, angústia e indignação. É normal misturar sentimentos. O coração não é uma mesa com várias gavetinhas onde separamos os sentimentos, emoções e outros bichos. Por isso é preciso aprender a desabafar, em Deus. Mostre-lhe o coração ferido e machucado.

Não devemos ter medo de mostrar nossas queixas para Deus. A Bíblia traz lindas orações de pedido de ajuda para um momento de desespero e dor. Muitos salmos são verdadeiras poesias de lamentação:

> “Sobe até Deus a minha voz, e peço socorro; chega a Deus a minha voz e Ele me ouve. No dia da angústia busco o Senhor; a noite toda estendo a mão, sem

me cansar, e rejeito qualquer consolo. Lembro-me de Deus e solto gemidos, medito e meu espírito se abate. Conservas em vigílias os meus olhos, fico aturdido sem poder falar. Relembro os dias antigos [...]” (Sl 76,2-6).

O luto saboreado ajuda a superar também as situações que ficaram sem solução. Não é incomum a pessoa ficar se perguntando: Fiz pelo falecido tudo que estava a meu alcance? Será que poderia ter feito de modo diferente? Por que não fiquei mais tempo a seu lado?

O triste dessas – inevitáveis – perguntas é que a pessoa acaba se autocondenando, sempre. Com isso, fica tentando achar uma desculpa ou uma justificativa. Alguns chegam a pensar que foram os culpados pela morte ou pela doença da pessoa. Outros passam o resto da vida tentando encontrar os porquês.

Se houve culpa ou negligência, agora é hora de apresentar-se diante de Deus, com suas dores e tristezas, mas, acima de tudo, com o coração confiante de que Ele é misericordioso e poderoso o suficiente para curar seu coração ferido e machucado. Deus não nos condena, e a pessoa falecida também não. A morte purifica tudo, inclusive as imperfeições de nossos relacionamentos.

Muitas vezes uma boa confissão ajuda bastante nessas horas. Diante de um sacerdote, abra seu coração ferido. Não tenha medo de reconhecer sua culpa. Entregue a pessoa falecida para Deus. Fale com o sacerdote sobre as dificuldades de relacionamento que tinha, sobre os pecados partilhados, sobre palavras pesadas e omissões, e também sobre tudo que você acha que ficou devendo ao ente querido.

Tenha certeza de que a morte, depois da ressurreição de Jesus, é um grande remédio para todos os males, inclusive para os relacionamentos estragados. Por certo, a pessoa falecida já está livre das consequências da falta de perdão. Ela está em Deus. Quem está em Deus está na paz. Por isso é importante fazer o que está a nosso alcance para que a pessoa tenha os cuidados médicos e espirituais necessários para uma morte santa.

Quando tenho a certeza de que meu falecido está em Deus, então não posso

temer nenhuma conta a pagar. Quem está em Deus está livre. Nenhuma ofensa atinge aquele que está no coração de Deus, porque quem morre em Deus chega à sua plenitude. Agora, do coração de Deus, a pessoa nos enxerga com os olhos iluminados pela graça e compreende os motivos pelos quais agimos ou deixamos de agir. Ao encontrar Deus, na plenitude da vida, tudo que era imperfeito será purificado.

O luto saboreado ajuda a superar os transtornos e as tristezas da sempre dolorosa perda de alguém querido. Pena que muitos não pratiquem mais nenhum ritual de luto. Tudo aparenta ser normal. Parece que nada mudou. Mas isso não é verdade. No íntimo, todos sentem a perda.

Até os animais sentem a dor da morte. Precisamos saborear as etapas apropriadas ao luto. Velório, despedida, orações, sepultamento, silêncio, missa de sétimo dia, de um mês, de um ano. Durante os primeiros dias nos reservamos para acolher melhor a dor da perda. Não adianta querer tomar remédios para amenizá-la: ela não deve ser amenizada, deve ser sentida, saboreada de forma madura e equilibrada.

Um modo maduro de se enfrentar a dor da perda é através das orações pelos falecidos. Além de rezar *pela* pessoa, precisamos ter a coragem de rezar *para* a pessoa. Ora, se podemos pedir que os santos intercedam por nós a Deus, por que não rezar pedindo a intercessão de nossos amados que agora estão próximos a Ele? Quem está definitivamente em Deus está verdadeiramente a nosso lado.

Que coisa linda! Quando um ente querido morre e vai para Deus, ele nos leva em seu coração. Eu estou em Deus pelo coração daqueles que me amavam e que agora já estão mergulhados na ternura de Deus. Tem um pedaço nosso no Céu. Quando morrermos, não iremos para um lugar completamente estranho. Além de Jesus ter nos prometido uma morada junto de Deus, um pedaço nosso já está em Deus.

Nós iremos nos reconhecer no Céu. O amor que vivemos nunca vai morrer. Amor não morre. Amor se transforma. Amar é acreditar que o outro não morrerá, jamais.

Logo iremos nos reencontrar, na eternidade, com nossos amados, mas então de um jeito completamente novo, restaurado, curado e transformado. Que bom que no Céu, pelo amor transformado, não existem os limites do amor terrenal. Adeus, ciúmes, brigas, desentendimentos e limites. O amor no Céu é completamente sem limites e sem as limitações daqui.

Essa certeza que Paulo nos revela na Carta aos Filipenses deveria ser um grande estímulo para uma vida plena:

> "Nós, ao contrário, somos cidadãos do céu. De lá aguardamos como salvador o Senhor Jesus Cristo. Ele transformará o nosso corpo, humilhado, tornando-o semelhante ao seu corpo glorioso, graças ao poder que o torna capaz também de sujeitar a si todas as coisas" (Fl 3,20-21).

A correta perspectiva da morte nos ajuda a viver de modo mais autêntico e consciente. Fugir da morte é fugir da vida. Quando aprendemos a saborear a morte, do jeito correto, nossa vida ganha um novo sentido. A certeza da vida eterna dá um significado pleno às nossas lágrimas.

> "As almas dos justos, porém, estão na mão de Deus, e nenhum tormento os atingirá. Aos olhos dos insensatos parecem ter morrido; sua saída do mundo foi considerada uma desgraça e sua partida do meio de nós, uma destruição, mas eles estão na paz. Aos olhos humanos parecem ter sido castigados, mas sua esperança é cheia de imortalidade. Tendo sofrido leves correções, serão cumulados de grandes bens, porque Deus os pôs à prova e os achou dignos de si. Provou-os como se prova o ouro na fornalha, e aceitou-os como ofertas de holocausto; no tempo do seu julgamento hão de brilhar, como centelhas que correm no meio do canavial; vão julgar as nações e dominar os povos, e o seu Senhor será rei para sempre. Os que nele confiam compreenderão a verdade, e os que perseveram no amor descansarão junto a ele. Pois a graça e a misericórdia são para seus santos e a visita divina é para seus eleitos. Quanto aos ímpios, receberão o castigo segundo seus pensamentos, pois desprezaram

o justo e se afastaram do Senhor. Infeliz o que despreza a Sabedoria e a disciplina; vã é sua esperança, estéreis seus esforços e inúteis suas obras [...]” (Sb 3,1-11).

Felizes os que morrem no Senhor!

“Ouvi, então, uma voz vinda do céu, que dizia:
‘Escreve: Ditosos os mortos, os que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, que eles descansem de suas fadigas, pois suas obras os acompanham’”
(Ap 14,13).

Diante de um tema tão delicado, o autor sagrado faz questão de afirmar que ouviu uma voz que veio do Céu. A respeito da morte, só mesmo uma palavra testificada pelo Céu.

Existem pouquíssimos textos bíblicos com essa afirmação. Acreditamos que a Bíblia é um livro inspirado por Deus, mas escrito com palavras humanas. Apenas em algumas situações, muito especiais, a Bíblia afirma que está reproduzindo uma voz ou uma ordem procedente direto do Céu. O texto em questão ganha autoridade maior ainda, porque, além de ser uma voz do Céu, está dito explicitamente que o Espírito é quem está declarando.

Outra coisa que chama nossa atenção é que o texto começa com uma declaração de felicidade, realidade que, aparentemente, não tem nada a ver com a tristeza da morte. Aliás, se a morte não fazia parte dos planos originais de Deus, por que ela entrou nesse plano? Como é possível ser feliz, com ela e apesar dela?

Jesus não veio excluir a morte e nem encobri-la. Jesus veio matá-la. Ele veio vencer a morte. Morrendo, Jesus matou a morte. Aquilo que era um castigo, agora, por causa do Senhor, torna-se um salutar remédio. Jesus transformou o castigo da morte em remédio salvífico.

Existem muitos castigos que podem se transformar em remédio. Quando alguém é justamente punido e aprende com o castigo recebido, o castigo vira remédio. Essa deveria ser a finalidade de toda medida de correção. Na hora, a correção nunca é boa, mas necessária. Aliás, esse é o critério para se aplicar uma correção: a necessidade de corrigir ou reparar o mal, para que suas consequências não sejam piores.

Em relação à morte, Jesus tem uma postura absolutamente coerente. Ele não foge da morte e nem inventa uma solução enganosa para tão delicado tema.

Infelizmente muitos são aqueles que acabam criando uma falsa esperança ao recorrer às doutrinas de reencarnação ou coisas similares. A reencarnação pode até ser uma resposta bonita e romântica, aparentemente justa, mas é uma resposta mentirosa e totalmente contrária à fé cristã.

Jesus nos ensina que Deus nos ama e nos perdoa. Deus está do nosso lado e quer salvar-nos. Deus quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade (1Tm 2,4). Na teoria da reencarnação não existe essa visão linda do Deus que ama, perdoa, quer e pode salvar. Como o ser humano não pode ser perdoado, deve pagar por tudo que fez de errado numa outra vida. Além disso, multiplica-se a própria morte. A crença na ressurreição nos garante que temos uma única vida humana (Hb 9,27) e que morremos uma única vez. Na reencarnação são muitas mortes, tantas quantas forem as reencarnações pelas quais a pessoa tiver de passar.

Jesus não inventou uma falsa explicação para a morte e nem fugia de assuntos que a ela se referiam. Jesus conversava com seus amigos sobre o tema. Além de falar algumas vezes para os discípulos sobre o que lhe aconteceria em Jerusalém, existe um episódio que me emociona, ocorrido durante o velório de Lázaro, um de seus amigos mais íntimos e queridos.

Diante da dor de Maria e de Marta pela perda do irmão leproso, Jesus recordou algo que tinham discutido antes. Creio que Jesus tenha conversado com os irmãos de Bethânia a respeito da morte iminente de Lázaro, já que sua doença era grave e incurável, do ponto de vista humano. Não dispomos de referenciais bíblicos sobre a ocasião dessa conversa, mas, se não houvessem conversado, quando Lázaro morreu Jesus não teria dito para Marta: “Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?” (Jo 11,40).

Se o assunto não tivesse sido tratado anteriormente, Marta simplesmente lhe diria: “Não me lembro quando foi que o Senhor falou sobre isso!” O silêncio de Marta, diante da pergunta de Jesus, comprova que o assunto tinha sido longamente conversado.

Jesus não tem medo de falar da morte. Esse não pode ser um assunto a ser

evitado. Se a pessoa corre o risco de morte, temos a obrigação moral de falar-lhe a respeito, até para ajudar no processo de preparação para morrer. Bom seria se todos nos preparássemos para esse dia. É um grande conforto para uma família enlutada saber que seu falecido foi atendido por um sacerdote, que lhe ofereceu a unção dos enfermos e a absolvição de todos os pecados. Essa é uma graça para todos e ajuda muito no processo de superação pela perda, sempre dolorosa, de um ente querido.

O mundo moderno não gosta de falar sobre a morte. Cria-se a ilusão de que não tocar no assunto ameniza o problema. Em função disso criou-se uma indústria a serviço da morte. Os agentes funerários cuidam de tudo. O doente vai para um centro de terapia intensiva, onde morre longe dos familiares e amigos. Morre-se sem o calor humano de um familiar querido segurando suas mãos. Alguns escondem o fato das crianças, por medo de traumatizá-las. O velório é feito num lugar apropriado, afastado da casa, com todas as providências para que seja o menos traumático possível. É a falsa ideia de que, estando longe do falecido, a dor possa ser amenizada. Infelizmente, envolve a morte em cuidados impessoais, além de não resolver o problema, acaba gerando medos, falsas doutrinas, pesos de consciência e muitos traumas.

Que pena! O ser humano moderno precisa aprender a viver e também precisa aprender a morrer. É preciso saborear a morte, não como uma coisa macabra, mas como uma realidade da qual não se pode fugir e cujos sentidos mais profundos precisamos descobrir. Se você puder estar ao lado de uma pessoa querida na hora em que ela estiver morrendo, você descobriria coisas maravilhosas. Não tenha medo de segurar-lhe a mão, de afagar sua cabeça, de falar palavras doces e puras ao seu ouvido. Além de ajudar a pessoa a morrer melhor, você encontrará maior qualidade de vida, para si mesmo e para os outros.

Conforme temos a oportunidade de partilhar ao longo deste livro, nenhuma outra realidade humana mereceu tanta atenção da Bíblia como o tema da morte. Quem passou pela dolorosa experiência da perda de alguém querido sabe o

quanto é importante e confortador um texto bíblico, na hora em que mais precisamos de uma palavra verdadeiramente amiga. Na Bíblia só não encontra consolo quem não quer buscá-lo.

Jesus não fugiu da morte nem tentou minimizá-la. Ao conversar com Marta sobre esse tema tão delicado, Jesus está nos convidando a uma reflexão séria e serena sobre o assunto. De morte devemos falar na intimidade. Não é assunto para ser banalizado com teses e teorias.

Outra coisa importante para o qual o versículo citado no início deste capítulo chama a atenção: nossa vida não se encerra neste mundo. Os que morrem no Senhor são felizes porque suas obras vão segui-los. Atrás de mim vem tudo aquilo que eu fiz. Existe uma íntima relação entre a vida que se vive e o jeito como se morre. A Bíblia afirma que o que fazemos em nossa vida, o que fazemos com nossa vida, o que fazemos de nossa vida, está intimamente ligado à nossa morte.

Sabemos que vamos morrer, deveríamos pensar sempre que a vida é uma grande semeadura. Com nossa vida terrena estamos semeando o que iremos colher na vida eterna. Nossas obras nos seguirão. Por isso não podemos pensar na morte como algo inesperado ou como se fosse a maior novidade do mundo. Toda pessoa viva sabe que vai morrer, e ainda bem que não sabe o dia e nem a hora. Além disso, todos deveriam ter consciência de seu destino final. O que a eternidade nos reserva não é novidade para ninguém. A pessoa que vive o bem sabe que o colherá. A salvação eterna depende muito mais do que sou e do que faço, enquanto vivo, e não de um prêmio ou castigo de Deus, depois de morto.

Existem somente três possibilidades para a pessoa, depois da morte: a eternidade do Céu, a eternidade do Inferno ou a transitoriedade do Purgatório. Se a pessoa semeou o Inferno, irá colhê-lo imediatamente após a morte. Além de imediata, essa condenação é eterna, irreversível, irrevogável e definitiva. Nem Deus pode tirar do Inferno uma pessoa que por ele tenha optado.

O Purgatório é transitório. A pessoa morreu com alguns pecados, mas não estava num estado de ruptura radical com Deus. Ela escolheu o Céu, mas não

está limpa o suficiente para mergulhar em Deus. Logo, a pessoa precisa se purificar. No Céu só entra quem estiver completamente purificado. Não é difícil entender a doutrina do Purgatório. Vou dar um exemplo bem simples.

O rapaz está completamente sujo, trabalhando com barro e esterco. Alguém avisa que em meia hora sua namorada vai chegar. O que ele imediatamente irá fazer? Claro que será tomar banho e colocar roupa limpa e cheirosa. Purgatório é o banho da alma, para chegar limpa e perfumada ao coração de Deus.

Alguns negam a eternidade do Inferno dizendo que Deus é Pai bondoso e que por isso mesmo não mandaria ninguém para lá. É verdade! Deus não manda ninguém para o Inferno. É a pessoa que livremente escolhe essa ruptura definitiva. A árvore, onde cai, fica (Ecle 11,3). Que passagem linda para entendermos a morte. A pessoa que em vida procura o Céu cai, na morte, no Céu. A pessoa que em vida procura o Céu, mas se suja no pecado, cai entre o pecado e o Céu, o Purgatório. Agora, quem faz uma opção de Inferno, que cria Inferno para as pessoas que estão ao seu redor, vai direto para o Inferno.

Jesus não escondia a morte. Jesus dialogava sobre a morte. Ainda mais: transformava em vida a situação de morte. Mas esse é um processo que, sem o mergulho na graça de Deus, é absolutamente impossível, enquanto não saímos das mentiras que o pecado criou para nós. Mentiras que, de modo especial, as doutrinas reencarnacionistas vêm colocando na cabeça das pessoas, inventando falsas saídas para a morte. Teremos um encontro com a morte, a dos outros e a nossa. E esse encontro ou nos torna melhores, ou nos torna piores.

Crie rastros de Céu!

O mundo julga pelas aparências. A morte nos mostra a essência do que somos e do que fazemos. A história que segue nos revela exatamente isso.

Para evitar qualquer mal-entendido, resolvi colocar-me como o padre da história. Você saberá adaptá-la a outros padres, leigos, catequistas, renovados, seminaristas...

O padre Leo morreu, e, no mesmo dia, morreu um motorista de ônibus. Chegaram os dois ao Céu, quase juntos. Quando São Pedro viu os dois, começou a gritar para os anjos:

- Corram aqui, porque ele chegou! Depressa, venham atendê-lo.

O padre já ficou todo feliz, arrumou o clergyman e se preparou para ser recebido. Vieram os anjos e caminharam todos na direção do motorista de ônibus. São Pedro falou:

- Seja bem-vindo! Estávamos aguardando sua chegada.

Chamou o anjo Rafael, pediu que acompanhasse o motorista até a suíte número dois. Chegando lá, era aquela suíte linda, quarto enorme, a cama parecia algodão, a parede azul. Ele deitou sozinho naquele colchão, temperatura maravilhosa. E o padre ficou lá na portaria. Passadas umas duas horas, o padre tocou novamente a campainha. São Pedro veio e disse:

- Ah, desculpe, qual é mesmo o nome do senhor?

- É Léo Tarcísio Gonçalves Pereira.

- E a profissão?

- Não está vendo aqui em meu pescoço o clergyman? Eu sou padre.

- Ah, muito bem, o senhor faz favor de preencher este formulário aqui.

Umas seiscentas perguntas mais ou menos, uma caneta Bic ruim de escrever, tinha que esquentar a ponta pra funcionar. Preencheu todo o relatório. Quando terminou, entregou-o. São Pedro deu duas batidinhas, vieram dois anjos idosos, um até estava com uma das asas emendadas. Aproximaram-se devagarzinho. São Pedro falou:

- Pavilhão 18, beliche 323.

- Pavilhão? Beliche? Mas não vou reclamar do Céu.

Chegando lá, ao tal pavilhão, imagine beliche 323, parte de cima ainda. Ele olhou aquilo, era cama que não acabava mais; deitou, mas não conseguia dormir; levantava, andava de um lado para o outro. Quando passava em frente ao quarto do colega que chegara junto, olhava, o motorista dormia tranquilamente. Aí o padre começou a pensar:

- Tem coisa errada, não é possível, o homem é motorista de ônibus, eu senti até um cheiro de cachaça na hora em que ele chegou. Ainda assim ele ficou no quarto grandão, na suíte. Eu achava que lá fosse para mim!

Voltou, mas não conseguiu pegar no sono. Levantou e foi falar com São Pedro:

- Olha, São Pedro, eu não quero reclamar não, porque eu não gosto de reclamar, já está bom demais eu estar aqui no Céu. Mas será que não houve um engano? Porque enganos às vezes acontecem, eu mesmo devo ter me enganado uma ou outra vez na vida. Acontece que, na hora em que fui convocado para vir aqui, veio também um outro. Será que não houve uma troca dos aposentos? Estou lá no pavilhão 18 e não consigo dormir, o senhor sabe, sou padre, estou acostumado a dormir sozinho. Tem uma alma gorda ao lado da minha que ronca o tempo todo. A outra alma levanta para ir ao banheiro a noite inteira, e eu não estou me adaptando. Acho que deve ter havido alguma troca nas fichas.

- Não, filho, não houve troca não. Léo Tarcísio é o nome do senhor. Está aqui na ficha, pavilhão 18, cama 323 "B", que é a de cima.

- Mas eu era padre, o padre Léo! E eu ouvi falar que esse seu José, que entrou comigo no Céu, era motorista de ônibus.

- Sim, motorista de ônibus.

- Mas o senhor vai me perdoar. Não é uma injustiça isso aí, não?

- Aqui no Céu não tem injustiça. Acontece que está lá no Apocalipse, capítulo 14, versículo 13, que, quando a pessoa morre no Senhor, suas

obras a seguem. E foi o que aconteceu; você foi um bom padre, mas já foi recompensado. Cada vez que aquele povo aplaudia você lá na Canção Nova eram três dias de Céu a menos para você. Agora, naqueles seus sermões, 90 por cento do povo dormia. Mas o seu José, esse motorista, bastava ele começar a dirigir, o povo já tirava o terço do bolso e rezava a viagem inteira.

E você? Que lugar você acha que vai receber lá no Céu? As obras nos seguem. A nós, que vivemos na hipocrisia do mundo, onde as pessoas são tratadas pelos títulos, e acabamos acreditando nisso. A morte nos torna iguais. O enterro pode ser diferente, o caixão pode ser diferente, o túmulo pode ser diferente, mas a morte é a mesma. A morte acaba fazendo com que todos se encontrem absolutamente iguais.

A morte olha para nós como amiga e diz que somos iguais, que devemos tirar a máscara, parar de fingir que estamos vivendo, que devemos criar Céu para as pessoas. A morte nos diz que temos de parar de infernizar a vida do outro; só temos esta vida para deixarmos rastros. Nós deixamos rastros, as nossas obras nos seguem. Que rastros estamos deixando? Quantos de nós, pelo olhar, pela boca, pelo que fazemos, pelo que deixamos de fazer, estamos deixando um rastro de Inferno para as pessoas.

A morte diz para você: “Crie rastros de Céu”. Você quer ir para o Céu? Crie Céu, faça com que as pessoas aspirem a sua presença. E para isso você precisa se humanizar. Eu queria convidar você a não fugir mais da morte, a não delegar mais a morte para ninguém. Nós precisamos criar rituais. Hoje as pessoas estão tomando remédios para não sentirem a morte. É importante chorar pela perda.

No filme *Paixão de Cristo*, de Mel Gibson, cai uma gota de lágrima do céu, é o Pai chorando. Mesmo sabendo que o Filho iria ressuscitar, o Pai chorou. Houve trevas em toda a Terra, a natureza chorou. No dia do nascimento de Jesus, vemos na Bíblia a natureza toda se alegrando, e, na morte de Jesus, toda a natureza se entristeceu.

A morte é uma realidade muito dura, sentida até mesmo pelos animais que

convivem com a pessoa falecida.

Quando papai morreu, durante alguns dias, o Banzé, cachorrinho de meu sobrinho, procurava o quarto onde papai dormia. O Banzé olhava para a cama e chorava. O mesmo vivi em Bethânia, com a morte da Juscélia. Ela tinha dois cachorrinhos, que tive de mandar para o Recanto de Castro, no Paraná. Com certeza eles morreriam em pouco tempo. A Juma não deixava ninguém chegar perto. Atacava, estava agitada. O Pitico, mais apegado à Ju, manifestava uma tristeza impressionante. Ficava horas olhando na direção da casa, não queria comer, dormia à toa, perdeu, por alguns dias, o controle de suas necessidades fisiológicas.

Quando a vaca perde um bezerrinho, ela para de dar leite. Papai pegava o couro do bezerrinho que tinha morrido, colocava em cima de outro bezerrinho e o punha para mamar. E assim a vaca sentia o cheiro de seu bezerro.

A natureza sofre com a morte.

As pessoas não querem nem ver o defunto, não querem sofrer com a morte. Levem as crianças, elas precisam ver o avô que morreu, a avó que morreu, o pai que morreu. Ninguém quer que o pai morra, mas, se ele morreu, você não pode ressuscitá-lo. E você não tem o direito de matar também a criança, de criar uma criança revoltada, de criar uma criança contaminada pelo demônio. Pois nós lemos na Palavra que Jesus nos libertou do medo da morte, porque o medo da morte nos torna escravos do demônio (Hb 2,15).

A morte de nossos queridos tem que nos ajudar a viver. Então, serenamente, olho para aquela pessoa que morreu e não tenho mágoa nenhuma. Quando se tem peso na consciência, vem o desespero. Desesperada, a pessoa vai procurar um mistificador para se enganar com uma carta que vem do além. Existem pessoas que nunca em vida escreveram um bilhete e que, quando morrem, ficam mandando carta.

Saboreie as pessoas. Se você não pode ficar o dia inteiro com quem você quer, mas só pode uma hora, saboreie essa hora, fique intensamente com essa pessoa. Cultive seus relacionamentos. Você vai perder aqueles que você ama.

Pense em alguém que você ama muito. O que você gostaria de falar para esse alguém hoje, sabendo que nunca mais vai vê-lo? Fale. Se vir a pessoa, fale. Pois pode ser a última vez. Nessas horas a morte nos ensina que na vida só presta o que sobra em Deus. O resto não vale mais nada. Aquilo que um dia eu vivi com papai nunca mais vai voltar, acabou. O carinho de você olhar no olho de sua mãe e de seu pai e dizer: “Eu te amo”.

“Ó meu filho, sai dessa vida, você está indo para o Inferno”. Tem pessoas que estão indo para o Inferno por omissão de seus familiares, que preferem ficar com aquela amizade falsa. “Eu não vou falar a verdade, não vou ofender”. Com a condenação de uma pessoa, você não pode brincar; se você sabe que a pessoa está indo para o Inferno, você não pode brincar. Qual é o pai que, vendo o filho correr em direção a um lago cheio de fogo e enxofre, vai dizer: “Ó querido, você não acha melhor não ir?”

Amar é duro. “Vou deixar a minha filha continuar vivendo esse namoro”. Ela está se prostituindo desse jeito. “Ah, padre, a gente não quer brigar”. Então você vai brigar com você mesmo o resto da eternidade. Como você pode estar feliz no Céu, sabendo que sua filha está indo para o Inferno? Onde a árvore cai, fica. Se ela morrer em pecado, você pode rezar o resto da eternidade, pode mudar de religião quantas vezes quiser, porque, se ela for para o Inferno, não tem volta. Mas eu acho muito difícil que alguém, sabendo que deixou outra pessoa ir para o Inferno, vá para o Céu.

“Mas meu marido só bebe de vez em quando”. O problema é esse, ele só bebe de vez em quando e fica sem vergonha, falando bobagem, vai para a zona se prostituir, desrespeita as pessoas. Então você tem que falar para seu marido parar de beber, porque senão você vai para o Inferno.

“Meu avô fuma, mas eu tenho dó de falar com ele, pois ele já tem 70 anos”. Fale para ele parar de fumar enquanto é tempo.

Há também aquelas pessoas de quem ninguém cuida. Ninguém chega perto delas porque têm um espírito medonho. É preciso ter coragem de se aproximar para mudá-las. É preciso perder uma amizade, se for o caso, para a pessoa

ganhar a vida eterna. Perca seus amigos, mas perca-os para Deus. Vale a pena você perder esse relacionamento falso que você tem para levar alguém para o Céu. A morte vai se encarregar disso. “Ah, mas eu não queria ficar longe dessa pessoa”. Então não queira ficar longe dela para o resto da eternidade. Salve essa pessoa enquanto há tempo.

O Pai teve a humildade de ficar longe do Filho para nos salvar. Vocês acham que o Pai não sentiu saudade de Jesus? Que seu coração não ardeu quando viu o Filho nu, ferido na cruz? O Pai sofreu muito. Mas era um sofrimento que valia a pena.

Salve seus queridos enquanto há tempo. Vocês sabem que essa pessoa da sua família está em uma falsa doutrina. Está indo para essas religiões que ficam chamando espíritos, que ficam fazendo trabalhos. E o pior é que às vezes você aceita isso para não brigar. Tem que falar a verdade. A morte traz a verdade à tona. As nossas obras nos seguem. Que rastro você está deixando? De que adianta ser muito simpático com você agora? É a mesma coisa que um médico dizer para o paciente que ele não deve ser operado porque vai ser incômodo e deixar a pessoa morrer com um tumor. É preciso tirar esse câncer do pecado de dentro do coração.

Agora pense em alguém vivendo no pecado e que talvez você nem ame muito. Essa pessoa está vivendo no erro, está vivendo no adultério; seu namoro é pecaminoso, o jeito de ela ganhar dinheiro é pecaminoso, o jeito de se vestir, as conversas, as amizades, seu jeito de comer é pecaminoso. E o que eu preciso fazer para tirar essa pessoa do Inferno? Felizes os que morrem no Senhor. Sim, felizes os que morrem no Senhor, pois as obras dessas pessoas vão segui-las.

> *Senhor, queremos pedir a grande graça de que a experiência da morte dos nossos queridos ajude-nos a amar mais, a amar melhor.*

Lá em Bethânia, na casa de Lázaro, Jesus lembrou Marta daquela conversa que tiveram. Pela delicadeza de Jesus, não há como sabermos quando tal conversa se deu. Ele nunca quis tornar pública essa conversa. Assim Jesus também quer ter

um encontro na intimidade com cada um. Quando foi que Jesus disse: “Se creres, verás a glória de Deus?” Falou num momento de intimidade, só entre eles, para a família. Agora, na Bethânia que é o seu coração neste momento, fale na intimidade para Jesus e peça:

Segura-me, Senhor, ampara-me, Senhor, põe sobre mim a tua mão amorosa.

O Senhor chorou em Bethânia.

Ajuda-me a aprender a chorar na tua presença.

Não aquele choro de revolta, de fingimento, não aquele choro manhoso, aquele choro de insegurança, mas um choro de arrependimento.

Eu quero viver uma vida nova.

Cuida de mim agora, Deus.

Apresente-se ao Senhor, você que tem o coração machucado pelos traumas da morte. Se você perdeu alguém querido, pense na pessoa amada que você perdeu, como foi difícil aquele velório. Como foi doloroso levá-la para o túmulo. Como você ainda não conseguiu assimilar essa morte. E peça:

Ó Pai, segura-me no colo agora, passa no meu coração o bálsamo do Espírito, cura essa ferida que ainda está doente.

Eu não queria perder essa pessoa, eu precisava muito dela ainda, tinha tanta coisa para a gente fazer junto. Tantas casas para serem construídas, tantas flores para serem plantadas, tantas praias para serem caminhadas, tanto luar para ser contemplado, tanta música para ser ouvida, tanto camarão para ser comido, tanto perfume para ser sentido.

Parece que tudo foi tão rápido, não deu tempo para falar o que eu queria falar, não deu tempo de ouvir o que eu precisava ouvir, não deu tempo de olhar o que eu precisava olhar. Cura o meu coração.

Você sabe que está sangrando ainda.

Essa pessoa se foi. E o que restou? Restou a certeza de que aquilo que

guardamos no coração de Deus, não perdemos jamais. Aqueles que guardamos no coração de Deus, não perdemos jamais.

Eu te entrego cada pessoa que morreu e quero agradecer pelos anos que vivemos juntos.

Obrigado pelo seu sorriso, pelo seu carinho, pelo seu amor, pelo bem que essa pessoa fez em minha vida, muito obrigado, meu Deus.

Obrigado porque o Senhor hoje está me pegando no colo.

Reconcilie-se com sua morte

A carta de Paulo aos tessalonicenses é o texto mais próximo de Jesus que temos no Novo Testamento – foi o primeiro livro escrito do Novo Testamento. Paulo dirige-se aos cristãos da Tessalônica e a cada um de nós:

> “Irmãos, não queremos deixar-vos na ignorância a respeito dos mortos, para que não fiqueis tristes como os outros, que não têm esperança” (1Ts 4,13).

Por que será que na ave-maria repetimos: “Rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte”? Por que pedimos isso para Maria? São dois momentos espetaculares da nossa vida: agora e na hora de nossa morte. Você já viu o quadro da morte de Maria? Como foi que Maria morreu? Do mesmo jeito como ela viveu: inteiramente mergulhada em Deus.

Em Jerusalém, no monte Sião, há uma igreja chamada Basílica da Dormição, que tem uma imagem linda de Nossa Senhora, deitada, dormindo. A Igreja nem chega a falar que Maria morreu. Maria morreu? Morreu. Ou a Bíblia está errada, pois “está determinado que os homens morram uma só vez” (Hb 9,27).

Apesar da certeza bíblica e existencial sobre a morte, muitas vezes a ignoramos, ou queremos ignorá-la. A grande maioria dos católicos ainda está com a compreensão da morte sob o jugo do encardido.

> “Como os filhos têm em comum a carne e o sangue, também Jesus participou da mesma condição, para destruir, com a sua morte, aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo. Assim libertou os que, por medo da morte, passavam a vida toda sujeitos à escravidão” (Hb 2,14-15).

Por que Paulo diz: “Irmãos, não queremos deixar-vos na ignorância a respeito dos mortos”? Porque, além de perder esperança na vida, acontece isso de que o autor sagrado fala na Carta aos Hebreus: a pessoa que tem medo da morte se torna escrava do demônio. É por isso que pedimos para Maria: “Rogai por nós, pecadores”. Por que essa vírgula entre “nós” e “pecadores?” Porque Maria não teve pecado, mas foi humana. Por que no pai-nosso não pedimos pela nossa

morte? Porque a morte de Jesus foi violenta, a pior de todas.

A morte de Jesus foi tudo aquilo de trágico que o ser humano pode imaginar.

Nós pedimos a Maria porque sua morte foi tão serena, tão tranquila, tão maravilhosa, que a Igreja chega a dizer que Maria não morreu. Não morreu como os outros, pois Maria dormiu, dormiu para o mundo. E, como o corpo de Maria não experimentou a corrupção do pecado, ela levou para a glória aquele mesmo corpo que tinha em vida. O nosso corpo, se Deus quiser e Maria interceder, vai estar no Céu. Mesmo quem perdeu alguma parte do corpo, lá no Céu vai estar com essa parte. Até quem está velho, quando estiver no Céu, estará restaurado. Porque a morte vai purificar tudo que foi estragado.

O corpo semeado na corrupção vai ressuscitar limpo, sarado. Inclusive, se você for para o Céu, vai ser tão dono do seu corpo, que poderá se locomover como Jesus ressuscitado e Maria. Por isso nós pedimos a Nossa Senhora: “Agora e na hora de nossa morte”. Há uma íntima relação entre o “agora” e o “na hora de nossa morte”.

Os monges antigos, quando se encontravam nos mosteiros, saudavam-se com uma expressão em latim: *Memento moris*. O que significa essa frase? “Vais morrer”. E o outro respondia *Carpe diem*, que quer dizer: “Viva bem o dia de hoje”.

Mas o que será que o meu “agora” tem a ver com a minha morte? Tudo. Nós vivemos numa sociedade onde se tenta a todo custo inventar coisas para esquecer que vamos morrer. Tem gente que detesta falar em morte. Quando o papa João Paulo II esteve pela última vez em Fátima, na revelação do terceiro segredo, a última vez em que ele se encontrou pessoalmente com a irmã Lúcia, ela pegou em seu braço, levou-o para dentro da Basílica e mostrou o túmulo onde está sepultado o beato Francisco, o túmulo onde está sepultada a beata Jacinta e o túmulo dela própria. Você teria coragem de fazer isso? E o Papa abençoou o túmulo de irmã Lúcia.

O mundo moderno quer nos dizer que não vamos morrer, então ficamos ludibriados. A morte é obra-prima do demônio, está no livro da Sabedoria,

capítulo 2: foi por inveja do demônio que a morte entrou no mundo. A morte não vem de Deus, Ele não quer a morte do pecador. A morte não estava no plano de Deus.

O ser humano criado no plano de Deus, criado materialmente para saborear Deus, passaria suavemente desta para outra dimensão da vida, mas numa ação de continuidade. Essa repulsa que temos da morte é coisa do demônio. Se você tem medo de sua morte ou de alguém que já morreu, você precisa pedir a graça ao Senhor, pelas mãos de Nossa Senhora : “Rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte”.

As grandes festas do mundo são uma forma de dizer que não vamos morrer. O clima natalino é um dos mais medonhos que temos no ano. Porque tem as músicas mais imbecilizadas que existem na face da Terra, aqueles homens imbecilizados vestidos de Papai Noel. As comidas natalinas são sempre as mesmas, os enfeites são pavorosos. Como você pode ser feliz no Natal com tanta coisa falsa?

Papai Noel é um símbolo que a Coca-Cola inventou no ano de 1931, e por isso ele tem aquela roupa medonha. Não tem nada com São Nicolau. Se São Nicolau vestisse uma roupa daquela, jamais teria se tornado santo. Então por que se fazem essas festas de Natal? Para criar a ilusão de que o passado não acabou, para criar a ilusão de que você não passou, para recordar a infância. Aí todos choram: “Como era linda a nossa ceia, quando a vovó matava o peru...” Essas recordações não levam a nada, a não ser fazer de você uma pessoa abestalhada e abobada. E com outro objetivo pior ainda: não deixar você abrir o coração para que Jesus nasça.

Todo ano, quando a Igreja celebra o Natal, as leituras nos falam de esperança. O menino nos foi dado, a criança na manjedoura é a fragilidade da vida que nasce, da vida que precisa ser cultivada. As festas do mundo são uma tentativa de fazer você não pensar no seu *memento moris*, mas a verdade é: você vai morrer! As pessoas que amamos vão morrer!

Não deveríamos pensar na morte como inimiga, primeiro porque um dia, mais

cedo ou mais tarde, nós nos encontraremos. Não deveríamos pensar nem mesmo na nossa morte em si. O que podemos fazer a respeito de nossa morte? Nada. Vamos contra a vontade, mas vamos.

Para a gente entender bem a mística da morte que os santos gostam tanto de rezar, deveríamos pensar nas pessoas que amamos. Você deve ter muitas pessoas que ama e que ainda não morreram. Eu queria que a senhora que é mãe pensasse na fragilidade de seu filho, no seu colo, morrendo. Se você não pensar nisso, você nunca vai amar essa criança. Amar é preparar o outro para entrar definitivamente no coração de Deus. Como você pode amar, se você não quer deixar que ele vá para lá?

Quando uma criança morre dentro da barriga da mãe, imagine se o feto não for tirado do útero. Toda criança já morreu. O dia em que você nasceu foi o primeiro dia de sua morte, e é por isso que todos os estudos científicos realizados com pessoas que tiveram a experiência da quase-morte revelam que elas têm a mesma visão do túnel. O túnel dá a ideia do nascimento, da agonia, a criança não quer nascer, ela precisa nascer, mas, se ela não sai de dentro da barriga da mãe, se ela não morre... O primeiro corpo que você teve morreu: a sua placenta, o seu cordão umbilical.

Agora você está no segundo estágio da vida, está vivendo no útero da Terra. A Terra também é arredondada, parece a barriga da mãe. Mas seu destino final é um passo a mais: primeiro você existiu no útero de sua mãe, que era arredondado, porque não tem começo nem fim, e, no dia em que nasceu, você morreu para o útero e passou a viver nesta vida. Quanto tempo você vai viver? Ninguém sabe. Por que hoje com todos os avanços da ciência, o médico ainda erra a data de nascimento da criança?

Estamos no segundo estágio, estamos no útero da Terra, mas vamos levar o que vivemos aqui para o útero de Deus. Isso é morrer. Por que a mãe não deve fumar quando está grávida? Porque leva o mal para a criança, que pode ter problemas respiratórios. Assim também o que vivemos agora vamos levar para a terceira e última dimensão da nossa vida. Nós só vamos nascer definitivamente

quando morrermos. Então você precisa começar a pensar na morte de seus amados, mas não naquele sentido de terror que o mundo cria.

Muitos programas de televisão, quando falam sobre morte ou a representam, prestam um grande serviço ao encardido. Esses programas mostram a morte, põem um pano preto, simbolizam a morte sempre com a caveira, sempre com a foice. Por que essa ideia medonha de morte? Para que você tenha medo dela. E, quando você tem medo da morte, você se torna escravo do demônio e vive aqui a verdadeira morte.

Segundo a Bíblia, quando acontece a verdadeira morte? A grande maioria das pessoas não passará pela segunda morte, pela morte definitiva. Isso é uma certeza da nossa fé. Porque a morte definitiva só acontece com a pessoa que vai para o Inferno. Jesus morreu para ninguém ir para o Inferno.

Mas ignorar a morte é meio caminho andado para ir para o Inferno, pois aquilo que eu ignoro lança o medo, e, uma vez lançado o medo, a pessoa se retrai. Muitas mulheres poderiam evitar o câncer de mama se todos os dias fizessem, no banho, o exame de toque. Agora, a palavra “câncer” mata mais do que o próprio câncer. Quando você se retrai pelo medo, esquece que o único jeito de ver Deus é morrer.

O que faz a gente ter medo da morte? Primeiro é desconhecê-la, ignorá-la, não querer conversar sobre a morte. Em um dos livros mais lindos deste mundo há um capítulo que conta uma conversa de Santo Agostinho com a mãe. Eles conversam sobre o que vai lhes acontecer no dia de suas mortes. Esse texto foi o que motivou Santa Terezinha a se reunir com suas irmãs para falar sobre sua morte. Foi o que levou São Francisco de Assis a chamar a morte de irmã.

Hoje eu queria fazer um grande convite a você: reconcilie-se com sua morte. Ela não é inimiga. Quando pensamos na morte como inimiga, ela se torna uma bruxa feia, velha, com aquela cara de caveira, aquela foice, esperando por você no escuro. Mas, ao reconciliar-se com sua morte, você descobre nela uma amiga.

A morte é nossa amiga porque é ela que vai nos levar para o encontro definitivo com Deus. Quer maior prova de amizade? O verdadeiro amigo é

aquele que leva o outro para Deus. O que adianta eu deixar a criança ou o adulto fazer o que ele quer se eu sei que a morte vem?

A Bíblia diz o seguinte: se você sabe que a pessoa está indo para um caminho errado e não fala nada, você se torna culpado pela morte dessa pessoa. Se você fala e essa pessoa não dá bola para você, aí paciência. Precisamos falar da morte numa linguagem de sabedoria, de graça de Deus.

O demônio é tão medonho que faz você olhar para a morte como uma coisa inesperada. Todos nós temos apenas uma certeza a respeito da vida: em breve, vamos morrer. Pare de pensar que você é imortal, que é poderoso. Reconcilie-se com sua morte. Olhe para ela como sua amiga, e com amigo nós conversamos. Você precisa ter transparência e partilhar com a sua morte. Pois a morte é a única realidade que vai fazer você se tornar transparente; depois da morte não existem mais máscaras. Depois da morte os valores que o mundo considera tão importantes acabam.

Tudo vem à tona. Depois da morte só fica o que fizemos de bom. Mas para chegar a essa transparência eu preciso de partilha. Você conversa com sua morte?

Um menino perguntou para outro:

- Como é esse negócio de a gente ir para o Céu? Se a pessoa morre na Terra, como vai sozinha para o Céu? Morto não anda...

- Nunca aconteceu de você dormir no sofá da sala?

- Já.

- E, quando você acordou no outro dia, você estava na cama do seu quarto?

- É.

- Então, como você foi? Andando?

- Não, minha mãe me leva.

- E quem tem Nossa Senhora como mãe, ela também leva.

Há muitos momentos em que estamos completamente sozinhos, sem ninguém por perto, com exceção de nossa morte. E eu preciso conversar com ela: “Morte, isso que eu estou fazendo vai me levar à presença do Altíssimo?”

Quando aprendo a conviver com a minha morte, aprendo a comer, a dançar, a brincar. Vou a um baile e pergunto para a minha morte: “Essa dança vai me alegrar?”

“Ninguém está vendo o que estou fazendo”. Ninguém? Sua morte está. E a morte é muito sincera. Qual é a qualidade que se torna defeito da pessoa sincera? A pessoa sincera não pode esconder nada, a morte não esconde nada. Por isso que, na hora da morte, vem à tona o que a pessoa é.

Quando foi que Jesus chorou verdadeiramente? Na morte de Lázaro. Por isso, só na morte de alguém você vai saber o que é chorar verdadeiramente. Sobretudo os homens, que são muitos durões, que pensam que estão sempre no controle, que se acham muito importantes.

Eu quero ver um homem se achar importante com um filhinho à beira da morte. Eu quero ver uma pessoa que se acha muito importante tendo que se despedir do pai, da mãe, da namorada, do namorado. Ou, pior dos piores, quando o pai e a mãe têm que se despedir de um filho. Eu quero ver uma pessoa forte nessa hora.

A morte é amiga verdadeira e, por ser amiga verdadeira, traz sua emoção ao nível real. Por isso a gente tem que experimentar a emoção da morte. Acho uma tristeza danada a forma como se morre. Primeiro, tentou-se esconder a morte; depois, criou-se um deboche da morte, com esses filmes de defuntos, de assombração, de sexta-feira 13, e então desumanizou a morte.

Peço a Deus que nunca mais me deixe longe da morte das pessoas que amo. Porque é aí que amamos verdadeiramente. E só com o tempo vamos perceber que é uma riqueza. Primeiro porque eu não posso ficar com a pessoa pelo resto da minha vida; não somos grudados em ninguém, mas saboreamos a pessoa. Outra coisa: a morte é tão amiga, que ela mostra para a gente a alma do outro. E não tem jeito de acreditar na vida eterna sem passar pela experiência da morte de

alguém.

Antigamente os pais morriam em casa; o médico mandava chamar a família, reuniam-se os filhos de longe, os netos. Muitas vezes, aquela pessoa que estava morrendo podia dizer suas últimas palavras. E nós sabemos, por Jesus, que as últimas palavras são as mais importantes. A Bíblia mostra, por exemplo, como os grandes homens e as grandes mulheres morreram: fizeram uma releitura da história familiar, deram conselhos a seus descendentes.

Ora, você está com um amigo seu, sentado num restaurante. Vocês estão comendo um prato maravilhoso. De repente você vê, em cima da comida, uma enorme lesma andando. Você deixa seu amigo comer? A única coisa que deveria dar nojo nas pessoas é ver que seus filhos, que seu marido, que seu pai, que seu irmão está comendo uma comida feita pela mão do encardido, com veneno do Inferno dentro. E quantos estão comendo? A morte diz para você: “Não coma, eu sou sua amiga, não coma. Se você beber este veneno, você vai morrer, não beba”. Reconcilie-se com sua morte. Não tenha mais medo da morte. Brinque com sua morte.

Aliás, por que os jovens pagam um preço tão caro para brincar com a morte? Nos globos da morte, nas montanhas-russas? Como uma pessoa pode ser tão abestalhada a ponto de pagar para subir num *bungee-jump*, amarrar um negócio na cintura e pular para baixo? Está brincando com a morte!

Vocês, que acham que me conhecem, só vão me conhecer depois que eu morrer. Como nós conhecemos os santos? Se você olhar do ponto de vista humano, São Francisco foi o maior pecador que esta Terra já teve. Ele morreu com 44 anos de idade e tinha 23 tipos diferentes de doenças. Pense na morte de Santa Terezinha do Menino Jesus. Quantos que morreram com oito, nove, dez, quinze anos de idade, ou bebês ainda, como os santos inocentes.

O que interessa não é o tempo que se vive, mas como se vive. Se você viver cem anos, ainda vai achar pouco. A ciência foi criando ilusões, dizendo que agora você pode chegar aos cem anos, agora você pode fazer cirurgia plástica, agora você pode ter noventa anos com cara de sessenta. Você pode fazer tudo

fácil em você. E o coração? Muda onde? Gente bonita morre. Reconcilie-se com sua morte. E essa é sua melhor amiga. Mas não é fácil, é duro. Jesus nos amou até o fim, para nos ensinar. De uma coisa podemos ter certeza: a morte nos humaniza, ela nos coloca na dimensão de Deus, faz com que enxerguemos o outro com os olhos de Deus.

Pai santo, Pai querido e Pai amado,
neste dia em que mergulhamos o nosso coração
no coração do seu Filho, suplicamos o seu amparo
e pedimos que o Senhor nos segure no colo.
Neste dia, nós queremos pedir a grande graça de nos reconciliarmos com a nossa morte.
Há muitas ideias erradas que eu venho
cultivando sobre a minha morte, e por isso tenho
ignorado a morte, tenho medo da morte.
Quando eu falo da morte, olho para ela como
uma coisa feia, olho como uma coisa errada,
não me conformo. E até já perguntei por
que isso aconteceu, por que eu perdi essa pessoa.
Já houve momentos em que me revoltei,
até mesmo contra o Senhor. E que eu pensei:
"Por que o Senhor levou essa pessoa que eu amava
tanto?" Pareceu naquela hora que fosse um castigo.
Mas é porque eu estava inebriado em mim mesmo,
cego, brigando com a minha cegueira,
sem ver a dos outros. Eu preciso que o Senhor
cure o meu coração dos traumas da minha morte,
da morte das pessoas que eu amo.

Você que viveu recentemente a experiência de morte, retome aquele momento

doloroso, coloque-se novamente ao lado do caixão e procure perceber a presença de Jesus ao seu lado. Jesus nunca se esquiva de um momento desses. Ele está sempre ali, para chorar a sua dor. Infelizmente muitas vezes não percebemos essa presença maravilhosa, por isso mesmo torna-se tão difícil a experiência da cura dos traumas de morte. É preciso reviver a experiência da perda, com a certeza de que podemos segurar nas mãos de Jesus. Ele está ao nosso lado.

Não mascarar a morte

Jesus deixou ainda esta parábola a respeito de alguns que se vangloriavam como se fossem justos e desprezavam os outros:

> “Dois homens subiram ao templo para orar. Um era fariseu, o outro publicano. O fariseu, de pé, orava assim em seu íntimo: ‘Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros, ladrões, desonestos, adúlteros, nem como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de toda a minha renda’. O publicano, porém, ficou a distância e nem se atrevia a levantar os olhos para o céu, mas batia no peito, dizendo: ‘Meu Deus, tem compaixão de mim, que sou pecador!’ Eu vos digo: este último voltou para casa justificado, mas o outro não. Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado” (Lc 18,10-14).

Quando ouvimos um trecho como esse, com muita honestidade pensamos assim: “Ou Jesus era absolutamente débil mental, ou nós não entendemos o que está escrito aí”. Pois, objetivamente falando, aquele fariseu era um santo. E Jesus não disse que ele era mentiroso – o homem era mesmo bom.

O fariseu não foi ouvido na sua oração porque foi diante de Deus para rezar, mas na verdade ficou fazendo propaganda de si mesmo, como se Deus precisasse escolher a quem atender. “Eu não sou como esse cobrador de impostos, eu jejuo duas vezes por semana, eu não sou injusto, eu não sou ladrão, vote em mim”. E Jesus disse que Deus não ouviu essa oração de autoelogio, porque isso não é oração. Ele tinha necessidade de rezar, mas não foi rezar: foi falar de si mesmo para Deus. Disso Deus não precisa, pois Ele sabe quem somos.

Você quer rezar? Primeira condição absolutamente necessária, seja pela dor da morte, pela perda de alguém ou experiência traumática que você teve: tire sua máscara.

É preciso eliminar, em Deus, a causa do problema. A oração não pode ser fingida. É preciso rezar com honestidade, principalmente quando se trata de assuntos ligados à dor da perda. Não adianta querer amenizar o problema. É

preciso buscar a cura.

Então, a primeira coisa que a morte nos ensina e que a oração do fariseu precisa nos ensinar é: tire suas máscaras. Deus jamais despreza a oração de dois tipos de pessoas: do órfão e da viúva. Está falando de morte. A pessoa fica órfã quando o pai ou a mãe morre, e fica viúva quando o esposo morre. Deus não despreza as orações dessas pessoas, quando elas têm coragem de lhe abrir o coração.

A oração que esse safado, sem-vergonha, ordinário publicano fez foi ouvida por Deus. Jesus não está justificando, ele não está dizendo que você tem que viver uma vida de qualquer jeito e depois basta fazer uma rezinha. Você não sabe a hora da sua morte; por isso, viva como se fosse o último dia da sua vida. Um dia você acerta!

Muitas vezes aprendemos a viver feito o publicano e a rezar feito o fariseu. Vivemos no pecado e rezamos como um santo. Precisamos aprender a levar a sério as coisas de Deus: jejum, dízimo, honestidade espiritual. Sem isso nossa oração será sempre mascarada e superficial.

Temos um complexo de exclusividade infantil. Achamos que apenas nós sofremos. Aquelas pessoas que vêm nos consolar e dizem que sabem o que estamos sentindo, porque já passaram por aquilo, na verdade não sabem, porque dor da gente ninguém sente. A dor é nossa, é única.

> *Certa vez, disseram a uma senhora que havia perdido seu filho que um monge tinha o dom de ressuscitar, principalmente crianças. E ela foi procurar esse monge:*
> *- É verdade que o senhor tem o poder de ressuscitar uma pessoa morta?*
> *- Não é que eu tenho o poder, existe esse poder, e Deus me usa para executá-lo. Eu posso reavivar essa criança.*
> *- E o que eu preciso fazer?*
> *- É muito simples: a senhora precisa conseguir uma semente de mostarda, mas que tenha nascido no canteiro de uma casa cuja família*

nunca tenha perdido um ente querido.

- Só isso?

E ela foi de casa em casa:

- Tem semente de mostarda?

- Tem.

- Mas aqui já morreu alguém da família?

- Já, meu pai morreu.

Ia até o vizinho:

- A minha avó morreu, e também o meu cachorrinho.

Ao contemplar a volta no quarteirão, compreendeu que era besteira achar que apenas ela tinha sofrido a dor da morte.

Todos passamos ou vamos passar pela experiência da perda de um ente querido, do mesmo jeito que todos sabemos que um dia morreremos.

A vida não nos pertence, assim como nossos entes queridos não nos pertencem. Somos de Deus. Estamos aqui de passagem, estamos aqui viajando; não temos morada definitiva aqui, mas caminhamos para a Jerusalém celeste. O Céu é a nossa pátria. “No reino do Pai há muitas moradas; Eu vou preparar um lugar para você”. Jesus fala “moradas”, no plural, exatamente para isso, para que cada um entenda que, do jeito que vivemos nossa santidade de vida, com as limitações que temos, Deus nos acolherá em seu coração.

A misericórdia infinita de Deus reserva um lugar para cada um de nós. Talvez a sua vida seja igual à do publicano, talvez já se tenha descoberto seu pecado. Quantos já passaram vergonha na vida por terem feito uma bobagem? Roubaram uma loja, tiveram profissões desonradas, usaram drogas, se prostituíram, se estragaram publicamente. E no entanto, hoje, sabem que estão no coração de Deus. Porque, assim como o pecador público, um dia você também teve essa graça de dizer: “Senhor, tem piedade de mim, eu sou pecador”.

Jesus contou essa parábola para chamar a atenção daqueles e daquelas que desprezavam os outros porque se consideravam muito santos. Pare de se achar

melhor do que os outros. Nós não temos que nos comparar com ninguém. Não nascemos para ser melhor nem pior do que ninguém; não podemos deixar que nos comparem com alguém. A comparação cria competição, inveja, ciúme. E a inveja e o ciúme foram os pais da morte, pois foi pela inveja do demônio que a morte entrou no coração da humanidade.

Não se compare com ninguém, aceite-se do jeito que você é. Não se conforme com seus defeitos e pecados. Assuma-se como você é. Só quem se assume pode mudar o que precisa ser mudado. Aceite-se, reconcilie-se consigo mesmo, com sua história, e coloque-se por inteiro nas mãos de Deus.

Ninguém deve temer o dia do juízo final. Para muitos, esse será o grande momento de redenção perante o mundo, já que foram vítimas de calúnias, injustiças, mentiras e sofrimentos. O juízo será o momento histórico de reabilitação. Nunca deveríamos ter medo de nos encontrarmos com o juiz verdadeiro, que é Deus, porque Ele não é um juiz que me julga: Ele, acima de tudo, é um juiz que me ama.

Para compreendermos bem nosso fim, é preciso que retomemos nossa origem, já que a morte aparece logo nos primeiro capítulo bíblico, como consequência imediata do pecado (Gn 3,19). A morte não estava no plano original de Deus:

> “Ora, Deus criou o ser humano incorruptível e o fez à imagem de sua própria natureza: foi por inveja do diabo que a morte entrou no mundo” (Sb 2,23-24).

A morte entra na história, com seu peso de dor e sofrimento, como consequência do pecado e como ação encardida:

> “Pois como o pecado entrou no mundo por um só homem e, por meio do pecado, a morte; e a morte passou para todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5,12).

Nós experimentamos a morte como herança do pecado e por isso, sofremos tanto. Também por isso é fundamental redescobrirmos o sentido cristão da morte. Sem isso é quase impossível a cura de nossos traumas. Por causa de

Jesus, morremos para alcançarmos um destino melhor. Essa certeza não tira a dor da morte, mas dá sentido ao sofrimento.

O ser humano foi criado para a imortalidade, por isso não gosta de refletir e muito menos conversar sobre a morte, o que não nos livra dela. Muito mais prudente é pensar no assunto, já que nossa alma é imortal. Além disso, o pensar na morte nos ajuda a nos prepararmos melhor para esse grande e inevitável dia. Todos morreremos, e logo depois da morte vem o juízo.

Se a árvore permanece no lugar onde caiu (cf. Ecl 11,3), é importante morrer em estado de graça, isto é, morrer revestido de Cristo. Tudo o mais é secundário. O que adianta ganhar o mundo inteiro e perder-se por completo?

Como “não sabemos o dia nem a hora”, a sabedoria consiste em sempre estar preparado. Somos todos julgados logo após a morte. É o juízo particular. Penetrando na eternidade, apresentamo-nos diante do Rei – e nossa veste deve ser branca (Mt 22,1s).

Por isso, devemos viver bem para morrer bem. Assim, a morte não nos apavora. Em vez de medo, há confiança. E os santos – que podem ser definidos como as pessoas que sabem viver – em vez de tristeza, têm alegria.

É bom que não saibamos o dia de nossa morte. Para estarmos sempre prontos. “Por isso, também vós, ficai preparados! Pois na hora em que menos pensais, virá o Filho do Homem” (Mt 24,44).

“A morte é terrível para o pecador, mas não para o justo”. “O justo, na morte, é como uma árvore que tomba para produzir, na eternidade, frutos ainda mais belos; o pecador é a árvore cortada na raiz para ser jogada ao fogo”.

A alma se fixa no estado em que se encontra. Não escolhemos a hora da morte – mas escolhemos o modo de vida (ou de morte) de nossa alma. Todos somos predestinados ao Céu – Deus quer a salvação de todos. Mas não nos obriga a querer o mesmo.

Após a morte, Deus nos pedirá contas de nossa administração (cf. Lc 16,25), daremos conta até das palavras inúteis (cf. Mt 12, 36). Todos compareceremos

ante o tribunal de Cristo (cf. Rm 14,10). “Cada qual receberá o salário correspondente ao seu trabalho” (1Cor 3,8).

Deus sabe o porquê do nosso pecado. Pode ser, por exemplo, um trauma de infância que nos leva a cometer certos erros. Nem nós sabemos por que pecamos. Quantas vezes ensaiamos para não pecar, mas muitas vezes acabamos pecando. Mas não desista! Caiu? Levante. Porque Deus sabe da sua história.

Talvez, quando você se encontrava na barriga de sua mãe, tenha havido uma infidelidade do seu pai. Aquilo foi falado; as pessoas não sabiam que você estava na barriga da sua mãe, mas aquilo ficou gravado em você. E o demônio deu um jeito de entrar nessa brecha, para atazanar sua vida, e hoje você tem esse espírito de adultério.

E quantas pessoas não têm que lutar contra o espírito de homossexualismo? Não é fácil essa luta, por isso não devemos condenar ninguém.

Talvez você tenha o espírito de posse, você quer todas as coisas e pessoas para si. Tem gente que ama de um jeito estragado; é um amor possessivo, que quer dominar a vida das pessoas, e, se o outro foge, ele puxa de volta. Você não sabe por que você é assim – manhoso, irritado, nervoso, impuro. Você não sabe por que fala demais, ou por que fala de menos. Você não sabe por que come demais ou de menos. Você não é dono nem de você, então não tema encontrar-se com o juiz, que é Deus, porque Ele sabe, Ele julgará a partir do amor, Ele olha sua história. Aliás, Ele está sempre nos segurando no colo.

Precisamos perder esse espírito de farisaísmo e de julgamento alheio. Não se condene, nunca tenha medo, principalmente dos juízos humanos. O mais triste dos seres humanos é aquele que se acostumou a falar mal da vida dos outros, a julgar e condenar as outras pessoas.

Com a mesma medida que você usar para medir os outros, você será medido. Isso é ser fariseu – para esconder o meu erro, fico falando do defeito dos outros. Por isso as pessoas se alegram quando ouvem fofocas da vida alheia. Cai a máscara.

Diante do juiz universal, que é o nosso Deus, no dia do juízo final vão se

reabilitar todos os que foram injustamente condenados na história. A verdade virá à tona. Mas, também nesse dia, por justiça divina, virá à tona a sujeira que muitos de nós cometemos.

E não importa se você cometeu muitos pecados; Jesus nunca fez nenhuma pergunta sobre o passado de ninguém. Não importa se você é ladrão, assassino, adúltero... Não faça mais! Tome hoje a decisão de fazer diante de Deus – e, se for preciso, em confissão – a oração do publicano: “Meu Deus, tem compaixão de mim, que sou pecador”.

Quantos de nós já não fizemos um bocado de burradas na vida? Quantos de nós já não fizemos, um monte de vezes, coisas que não queríamos ter feito, mas não conseguimos nos controlar? Não conseguimos controlar nossos olhos: vemos uma coisa e já queremos pegar, vemos uma roupa e já queremos comprar, vemos uma pessoa bonita e já queremos usar essa pessoa. Quantos de nós não conseguimos controlar o que ouvimos? Quantos de nós não são capazes de controlar a boca? Nem aquilo que sai, nem aquilo que entra. Quantos de nós não conseguem controlar o bolso? Quantos de nós não conseguem controlar a sexualidade? Quantos jovens namorados não conseguem viver a castidade, a pureza? Quantos tiveram a desgraça e a infelicidade de passar pela experiência do aborto?

O que Deus pode fazer comigo e com você, se criamos uma casca para o nosso coração? A graça de Deus está caindo sobre nós. Mas como essa graça de Deus vai nos molhar, se entre essa graça de Deus e o nosso coração há uma redoma de hipocrisia e pecado? Nós vemos a chuva, até sentimos o cheiro da chuva, ouvimos o barulho da chuva, mas não nos molhamos, porque há uma cobertura. Tire essa cobertura do seu coração, tire essa hipocrisia do seu coração.

A hipocrisia é um telhado de cimento armado que fazemos para nos proteger, não deixar os outros verem nossos pecados. Deu certo a primeira vez, repetimos. Sempre repetimos aquilo que achamos que deu certo. Vem a segunda vez, construímos o segundo telhado de hipocrisia, e vamos enchendo nosso coração de telhados. E ficamos sufocados, trancados, e depois não sabemos por que

estamos tão angustiados, por que nada dá certo na nossa vida, por que Deus não escuta nossa oração.

É preciso tirar a hipocrisia do coração. Você está sofrendo ainda com a morte de alguém? Sofra! Não tome remédio não, sinta essa dor diante de Deus. Derrame sua alma na presença do Altíssimo. Chore na presença do Senhor. Não fique dando uma de conformista: “Ah, porque, se eu me rebelar contra Deus, Ele vai me mandar um castigo”. Ele não castiga não; morte não é castigo. Não transforme a morte num castigo. Abra seu coração, tire a máscara. Deus sabe que você está se derrotando, mas Ele não poderá fazer nada enquanto você não der esse primeiro passo. Dê hoje esse primeiro passo. Coloque-se diante de Deus dizendo:

Senhor e Pai, dos vivos e dos mortos,
por sua infinita misericórdia,
pelo amor infinito que seu coração
derrama na humanidade,
pelo coração de Jesus, seu Filho, nosso Senhor,
pela força do Espírito Santo,
eu peço: lave, restaure e purifique meu coração
dos resquícios da hipocrisia,
das sujeiras que um dia eu acumulei
pelas marcas negativas que a morte deixou em mim.
Obrigado por ser o Deus da vida.
Amém.

Morte de Jesus

Dr. Pierre Barbet, cirurgião francês, estudou durante 25 anos a paixão de Cristo, à luz do Santo Sudário de Turim. Após seus estudos, escreveu um impressionante livro no qual narra os horrores que o Senhor sofreu na cruz.

“Sou um cirurgião, e dou aulas há algum tempo. Por treze anos, vivi em companhia de cadáveres e durante a minha carreira estudei anatomia a fundo. Posso, portanto, escrever sem presunção a respeito de uma morte como aquela.

‘Jesus entrou em agonia no Getsêmani e seu suor tornou-se como gotas de sangue a escorrer pela terra’. O único evangelista que relata o fato é um médico, Lucas. E o faz com a precisão de um clínico. O suar sangue, ou hematidrose, é um fenômeno raríssimo. É produzido em condições excepcionais: para que ele aconteça é necessária uma fraqueza física, acompanhada de um abatimento moral violento causado por uma profunda emoção, por um grande medo. O terror, o susto, a angústia terrível de sentir-se carregando todos os pecados dos homens devem ter esmagado Jesus. Tal tensão extrema produz o rompimento das finíssimas veias capilares que estão sob as glândulas sudoríparas; o sangue se mistura ao suor e se concentra sobre a pele, e então escorre por todo o corpo até a terra.

Conhecemos a farsa do processo preparado pelo sinédrio hebraico, o envio de Jesus a Pilatos e o desempate entre o procurador romano e Herodes. Pilatos cede e então ordena a flagelação de Jesus. Os soldados despojam Jesus e o prendem pelo pulso a uma coluna do pátio. A flagelação se efetua com tiras de couro múltiplas sobre as quais são fixadas bolinhas de chumbo e de pequenos ossos. Os carrascos devem ter sido dois, um de cada lado, e de diferente estatura. Golpeiam com chibatadas a pele, já alterada por milhões de microscópicas hemorragias do suor de sangue. A pele se dilacera e se rompe; o sangue espirra.

A cada golpe Jesus reage em um sobressalto de dor. As forças se esvaem; um suor frio lhe impregna a fronte, a cabeça gira em uma vertigem de náusea, calafrios lhe correm ao longo das costas. Se não estivesse preso no alto pelos pulsos, cairia em uma poça de sangue.

Depois o escárnio da coroação. Com longos espinhos, mais duros que os da

acácia, os algozes entrelaçam uma espécie de capacete e o aplicam sobre a cabeça. Os espinhos penetram no couro cabeludo fazendo-o sangrar (os cirurgiões sabem o quanto sangra o couro cabeludo). Pilatos, depois de ter mostrado aquele homem dilacerado à multidão feroz, entrega-o para ser crucificado. Colocam sobre os ombros de Jesus o grande braço horizontal da Cruz; pesa uns cinquenta quilos. A estaca vertical já está plantada sobre o Calvário. Jesus caminha com os pés descalços pelas ruas de terreno irregular, cheias de pedregulhos.

Os soldados o puxam com as cordas. O percurso é de cerca de 600 metros; Jesus, fatigado, arrasta um pé após o outro; frequentemente cai sobre os joelhos. E os ombros de Jesus estão cobertos de chagas. Quando ele cai por terra, a viga lhe escapa, escorrega e lhe esfola o dorso. Sobre o Calvário tem início a crucificação.

Os carrascos despojam o condenado, mas sua túnica está colada nas chagas e tirá-la produz dor atroz. Quem já puxou uma atadura de gaze de uma grande ferida percebe do que se trata. Cada fio de tecido adere à carne viva: ao ser retirada a túnica, laceram-se as terminações nervosas postas em descoberto pelas chagas.

Os carrascos dão um puxão violento. Há o risco de toda aquela dor provocar uma síncope, mas ainda não é o fim. O sangue começa a escorrer. Jesus é deitado de costas, as suas chagas se incrustam de pedregulhos.

Depositam-no sobre o braço horizontal da cruz. Os algozes tomam as medidas. Com uma broca, é feito um furo na madeira para facilitar a penetração dos pregos. Os carrascos pegam um prego (um longo prego pontudo e quadrado), apóiam-no sobre o pulso de Jesus. Com um golpe certeiro de martelo o plantam e o rebatem sobre a madeira. Jesus deve ter contraído o rosto assustadoramente.

O nervo mediano foi lesado. Pode-se imaginar aquilo que Jesus deve ter provado – uma dor lancinante, agudíssima, que se difundiu pelos dedos e espalhou-se pelos ombros, atingindo o cérebro. A dor mais insuportável que um homem pode provar, ou seja, aquela produzida pela lesão dos grandes troncos

nervosos: provoca uma síncope e faz perder a consciência. Em Jesus, não.

O nervo é destruído só em parte. A lesão do tronco nervoso permanece em contato com o prego: quando o corpo for suspenso na cruz, o nervo irá se esticar fortemente como uma corda de violino tensionada sobre a cravelha. A cada solavanco, a cada movimento, vibrará despertando dores dilacerantes.

Um suplício que durará três horas. O carrasco e seu ajudante empunham a extremidade da trava; elevam Jesus, colocando-o primeiro sentado e depois em pé; consequentemente fazem-no tombar para trás e o encostam na estaca vertical. Depois rapidamente encaixam sobre ela o braço horizontal da cruz.

Os ombros da vítima esfregam dolorosamente sobre a madeira áspera. As pontas cortantes da grande coroa de espinhos penetram o crânio. A cabeça de Jesus inclina-se para frente, uma vez que o diâmetro da coroa o impede de apoiar-se na madeira. Cada vez que o mártir levanta a cabeça, recomeçam pontadas agudas de dor. Pregam-lhe os pés.

Ao meio-dia Jesus tem sede. Não bebeu nada desde a tarde anterior. Seu corpo é uma máscara de sangue. A boca está semiaberta e o lábio inferior começa a pender. A garganta, seca, lhe queima, mas ele não pode engolir. Tem sede. Um soldado lhe estende, sobre a ponta de uma vara, uma esponja embebida em bebida em um líquido ácido, em uso entre os militares. Tudo aquilo é uma tortura atroz.

Um estranho fenômeno se produz no corpo de Jesus. Os músculos dos braços se enrijecem em uma contração que vai se acentuando: os deltoides, os bíceps esticados e levantados, os dedos, se curvam. É como acontece a alguém acometido pelo tétano. A isso os médicos chamam tetania, quando os sintomas se generalizam: os músculos do abdômen se enrijecem em ondas imóveis; em seguida aqueles entre as costelas, os do pescoço e os respiratórios.

A respiração se faz, pouco a pouco, mais curta. O ar entra com um sibilo, mas não consegue mais sair. Jesus respira com o ápice dos pulmões. Tem sede de ar: como um asmático em plena crise, seu rosto pálido vai se tornando vermelho, depois se transforma num violeta purpúreo e enfim em cianítico. Jesus é

envolvido pela asfixia. Os pulmões cheios de ar não podem mais esvaziar-se. A fronte está impregnada de suor, os olhos saem da órbita.

Mas o que acontece? Lentamente, com um esforço sobre-
-humano, Jesus toma um ponto de apoio sobre o prego dos pés. Esforça-se a pequenos golpes, se eleva aliviando a tração dos braços. Os músculos do tórax se distendem. A respiração torna-se mais ampla e profunda, os pulmões se esvaziam e o rosto recupera a palidez inicial. Por que este esforço?

Porque Jesus quer falar: ‘Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem’. Logo em seguida o corpo começa afrouxar-se de novo, e a asfixia recomeça. Foram transmitidas sete frases pronunciadas por ele na cruz: cada vez que quer falar, deve elevar-se tendo como apoio o prego dos pés. Inimaginável! Atraídas pelo sangue que ainda escorre e pelo coagulado, enxames de moscas zunem ao redor do seu corpo, mas ele não pode enxotá-las. Pouco depois o céu escurece, o sol se esconde: de repente a temperatura diminui.

Logo serão três da tarde, depois de uma tortura que dura três horas. Todas as suas dores, a sede, as cãibras, a asfixia, o latejar dos nervos medianos lhe arrancam um lamento: ‘Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?’ Jesus grita: ‘Tudo está consumado!’ Em seguida num grande brado diz: ‘Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito’. E morre. Em meu lugar e no seu.”

Na vida eterna!

A morte é um mistério e não apenas uma necessidade natural. Jesus de Nazaré, Deus feito homem, aceitou e assumiu a morte como mistério da vida humana, como parte inevitável do destino do ser humano na terra. Além disso, Jesus assumiu a morte como consequência do pecado. Essa é uma ideia profundamente bíblica. A morte é consequência da desobediência, para restaurar o dom do Espírito Santo para todos nós. Jesus assumiu a morte para superar o pecado e a própria morte.

Jesus veio dar um sentido profundo à vida e à morte do ser humano. Por causa dele, o sofrimento torna-se um canal para Deus. Todo sofrimento, por causa do sofrimento de Jesus, contém uma semente de vida e de eternidade.

O cristão não para na morte. Nossa fé se expressa na certeza da ressurreição da carne. A ressurreição da carne significa que após a morte não haverá somente a vida da alma imortal, mas que mesmo os nossos corpos mortais (cf. Rm 8,11) readquirirão vida. Se não há ressurreição dos mortos, Cristo também não ressuscitou (cf. 1Cor 15,12-20).

Deus, na sua onipotência, restituirá definitivamente a vida incorruptível aos nossos corpos unindo-os às nossas almas, pela virtude da ressurreição de Jesus, que destruiu a morte (cf. 2Tm 1,10).

A morte é uma certeza, não como consequência de uma punição de Deus (cf. Ez 18,32), mas como condição natural de nossa vida, na Terra, depois do pecado:

> “Tu, porém, não temas a sentença da morte. Lembra-te dos que existiram antes de ti e dos que virão depois de ti: é sentença proferida pelo Senhor para todo ser vivo. Por que, pois, resistir ao beneplácito do Altíssimo?” (Eclo 41,5-6).

Jesus é a absoluta certeza de que a morte não tem a palavra final. A morte não tem poder de nos apartar do amor que Deus nos testemunha em Cristo Jesus, nosso Senhor (cf. Rm 8,38-39).

> “Ninguém dentre nós vive para si mesmo ou morre para si mesmo. Se

estamos vivos, é para o Senhor que vivemos, e se morremos, é para o Senhor que morremos. Portanto, vivos ou mortos, pertencemos ao Senhor" (Rm 14,7-8).

Depois da morte só existem três possibilidades para o ser humano: Céu, Inferno e Purgatório. O Céu e o Inferno são eternos. O Purgatório é temporário, embora esteja fora do tempo e do espaço.

No Céu ficarão os que morrerem com a alma absolutamente sem mancha e que já tiverem confessado seus pecados. No Inferno ficarão os que morrerem em pecado mortal. Nesse caso a alma já está morta para a eternidade. Porque a Graça de Deus é a vida da alma; o pecado é a sua morte. Por isso, quem morre em pecado (mortal) entra na eternidade já com a morte na alma.

A alma se fixa no estado em que se encontrar – estado livremente escolhido; não é, pois, Deus quem conduz ao Inferno: é ela que para lá se encaminha, por ter preferido as trevas à luz.

Pouca gente gosta de falar do Inferno. Mas Jesus falou dele. "Toda árvore que não produzir bons frutos será cortada e lançada ao fogo" (Mt 3,10). Parábolas falam do joio que será lançado ao fogo e dos peixes maus que serão postos fora (cf. Mt 13,24-30,47-50). Igualmente, a parábola das núpcias do filho do rei (cf. Mt 22,1-14), a das dez virgens (cf. Mt 25,1-13), a dos talentos (cf. Mt 25,14-30), a da árvore que não dá frutos (cf. Mt 7,17-19), a do rico avarento (cf. Lc 16,19-31) não deixam dúvida quanto à existência do Inferno.

No Purgatório ficam os que morrem sem pecado mortal, isto é, com a alma viva, mas tendo, ainda, necessidade de purificação e resgate de pecados cometidos. Do Purgatório passa-se para o Céu. Mateus fala também dos pecados contra o Espírito Santo, que não serão perdoados nem neste século, nem no futuro (cf. Mt 12,32). O pecado contra o Espírito Santo é a consciente e voluntária recusa à conversão – portanto, a consciente e voluntária escolha do Inferno. Além disso, Jesus fala de uma prisão donde não se sairá antes de ter pago a última moeda (cf. Mt 5,26). Na parábola dos devedores, o servo mau foi

entregue à justiça “até que pagasse toda a dívida” – e Jesus esclarece: “Assim também vos tratará meu Pai celestial” (cf. Mt 18,23-25).

Céu, Inferno e Purgatório, mais propriamente que lugares, são estados d’alma. Quando os anjos e os santos visitam aqui a Terra, eles não cessam de estar no Céu, porque eles não podem ser privados da visão de Deus. Nossos anjos da guarda, sempre junto de nós, vivem no Céu (cf. Mt 18,10). Aliás, já aqui na Terra, temos uma pequena amostra disso. O santo carrega o Céu dentro de si. Mesmo nos piores sofrimentos, lá na profundidade de sua alma, permanece a Esperança – Esperança que lhe dá Paz, que lhe dá Alegria.

O inverso acontece ao pecador. Mesmo com saúde e riqueza, gozando dos ditos “prazeres deste mundo”, se ele para de se atordoar ou de se entorpecer, sente o vazio de sua vida, a ausência de Deus e, por conseguinte, o tédio, a insatisfação, o desespero.

Nosso destino não se consome aqui. Disse Jesus a Pilatos: “Meu Reino não é deste mundo”. “Senhor, lembrai-vos de mim quando estiverdes em vosso Reino”, disse o bom ladrão. O Céu é nossa verdadeira pátria; aqui, somos estrangeiros. Para o Céu fomos criados. Porque Deus é nosso princípio e nosso fim, só em Deus nos realizamos plenamente. Temos em nós alma imortal, com inteligência e vontade. Respectivamente, essas faculdades têm por objetivo a Verdade e o Bem – Verdade e Bem que, em sua plenitude, se encontram em Deus. A felicidade, no Céu, consiste na contemplação e posse de Deus, isto é, contemplação e posse da Verdade, Beleza e do Amor. Por isso, só em Deus seremos plenamente felizes, plenamente realizados. Para que se chegue ao Céu é preciso morrer já o levando dentro de si – é preciso morrer em estado de graça, em união com Deus.

Além do juízo particular, logo após a morte de cada um de nós, haverá o juízo universal, coletivo, no fim do mundo. Tanto o Antigo como o Novo Testamento fazem referências a este assunto. O quinto capítulo do Livro da Sabedoria, por exemplo, é inteiramente dedicado ao juízo final.

“Venho reunir todos os povos e línguas e virão admirar a minha glória” (Is

66,18-19). Nos Atos dos Apóstolos (1,11) vê-se que, logo após a Ascensão, foi anunciada, por dois anjos, a volta de Jesus, como juiz. Mateus no capítulo 24 e Lucas no capítulo 21 discorrem longamente sobre o assunto.

No juízo final, o julgamento será definitivo – depois dele haverá, somente, Céu e Inferno. O mundo, com matéria, certamente acabará. Mas quando e como será o fim do mundo, não o sabemos. “Nem os anjos sabem”.

O importante, porém, é vivermos preparados. Preparados para encontrar o juiz, o verdadeiro juiz de nossa vida, o Absolutamente Justo, o que penetra em nossos pensamentos, nossas intenções, sabe de nossas fraquezas e misérias.

No último dia, haverá a ressurreição da carne. Marta, irmã de Lázaro, não ignorava isso (Jo 11,24). Jó também o sabia (Jó 19,25), assim como os irmão Macabeus (2Mc 7,11), Isaías (Is 26,19), Daniel (Dn 13,2). E o próprio Jesus o ensinou (Mt 22,23-33; Jo 11,25) – e Ele mesmo, como também o predissera, no terceiro dia após a sua morte, ressuscitou glorioso.

Jesus já está, portanto, no Céu, em corpo e alma. Junto dele, por ter sido concebida sem o pecado original, também se encontra Maria – acerca de quem a Igreja ensina que adormeceu (podendo ter morrido) e, pelos anjos, foi transportada ao Céu (é a sua Assunção).

No último dia, os corpos dos justos ressuscitarão gloriosos, semelhantes ao de Jesus ressuscitado. Os justos ressuscitarão para a glória; e os condenados, para o seu opróbrio. É uma questão de justiça. O homem inteiro é corpo e alma. O corpo participa de nossa vida, seja pecaminosa, seja virtuosa.

Como homens, agimos de corpo e alma. O importante é que o corpo obedeça à alma, e esta obedeça a Deus. Como bons filhos, obedecendo a Deus, nada teremos a temer: a morte será o encontro com o melhor dos pais – o Pai do Céu.

Antes do fim do mundo, já julgadas em juízo particular, as almas dos defuntos aguardarão a ressurreição dos corpos. Não foi sem razão muito harmoniosa que a sabedoria divina decretou retribuir separadamente às almas e aos corpos: já que cada alma se origina por criação direta e particular de Deus, é conveniente que a cada alma toque sua sorte eterna logo que se torne capaz de ser julgada sobre

seus méritos e deméritos.

Lembra-nos São Tomás de Aquino que os homens, considerados como indivíduos corpóreos, têm uma certa continuidade entre si, pois isso é próprio da corporeidade (cf. At 17,26). As almas, porém, Deus as cria uma por uma, donde se segue que a glorificação simultânea das almas não é de tanta conveniência como a glorificação simultânea dos corpos. Além disso, a glória do corpo não é tão essencial quanto a da alma.

A profissão de um duplo juízo (particular e universal), não significa, pois, que Deus duas vezes sentencie o homem, mas é uma única sentença feita em ocasiões diferentes.

O juízo universal acontecerá para que tudo o que foi oculto seja posto às claras. Para a vergonha do pecador e glória do justo. Tudo o que foi encoberto será conhecido. Toda a verdade será conhecida. Por todos. Será a hora da perfeita reabilitação dos caluniados, difamados, injustiçados. Estes nada perdem por esperar. O tempo passa. O tempo é breve.

A justiça de Deus é absoluta. E irrompe da eternidade. O mais importante para cada um de nós, no entanto, é o juízo particular. A hora da morte, a hora da passagem do tempo para a eternidade, é o momento mais importante de nossa vida.

Por isso, devemos viver de modo que tudo nos sirva de meio para a conquista do Céu. “Se tua mão ou teu pé te leva à queda, corta e joga fora. É melhor entrares na vida tendo só uma das mãos ou dos pés do que, com duas mãos e dois pés, seres lançado ao fogo eterno” (Mt 18,8).

Normalmente, não precisamos chegar a esses extremos, mas, às vezes, precisamos chegar a outros que podem ser maiores: a renúncia a um amor ilícito ou a uma posição social brilhante. Estamos aqui de passagem, e, por mais que vivamos, o tempo nada é em relação à eternidade. Salvar a alma – eis o que importa. Para isso, viver em união com Deus – que é nosso princípio e nosso fim. Viver com Ele para com Ele morrer – e, então, realmente, conquistar a Vida.

Na ressurreição da carne

Se o corpo ressuscita, como será nosso corpo glorioso? Na eternidade continuamos a envelhecer? O que acontece com as pessoas que morreram em acidentes e tiveram o corpo todo deformado? E se a pessoa perde um dos membros, ressuscita sem perna ou sem braço? A doação de órgãos não complica a vida eterna? Na ressurreição o órgão doado volta para o doador? E se a pessoa morreu em consequência de uma doença contagiosa? Se o corpo vai ressuscitar, é correto cremar o cadáver?

A lista de perguntas é imensa. Cada uma mais original do que a outra. Por isso é importante refletirmos sobre as qualidades dos corpos ressuscitados.

Na eternidade cada pessoa ressuscitará em seu próprio corpo. Este corpo corruptível se revestirá de incorruptibilidade; este corpo mortal, de imortalidade (cf. 1Cor 15,53). “Pois eu sei que meu redentor está vivo e que, no fim, se levantará sobre o pó; e, depois que tiverem arrancado esta minha pele, sem minha carne, verei a Deus” (Jó 19,25-26). Essas citações são válidas, também, como argumento contra a utopia da reencarnação. Para cada corpo Deus cria uma alma, que, com Ele, viverá na eternidade.

O corpo ressuscitado ganha a incorruptibilidade, tornando-se incapaz de destruição; semeado na corrupção, há de ressurgir incorruptível (cf. 1Cor 15,42). Portanto, a pessoa recupera todos os seus órgãos e membros, bem como todas as faculdades que o corpo humano, por natureza, possui, mesmo que tenha sido mutilado ou disforme neste mundo. Os corpos ressuscitados conservarão, inclusive, a distinção de sexo – que pertence à natureza humana, como Deus a criou. Porém, órgãos que só têm função nas circunstâncias de vida terrestre, em corpos ressuscitados deverão ser como um revestimento para harmonia e integridade. Seremos semelhantes aos anjos (cf. Lc 20,36).

Além dessas qualidades, que são comuns a todos, do Céu ou do Inferno, os justos terão ainda o fulgor, pois resplandecerão como o sol (cf. Mt 13,43). Terão também a agilidade - os corpos gloriosos irão se locomover com presteza, sem cansaço nem obstáculo. Assim como Jesus ressuscitado entrou no cenáculo, com as portas fechadas, os corpos gloriosos poderão fazer o mesmo (cf. Jo 20,19). Os

condenados ao Inferno, ao contrário, por terem recusado a restauração trazida por Cristo, terão seus corpos passíveis de sentir dor ou sujeitos à dor; serão obscuros ou tenebrosos, como imagens hediondas do mais escuro e deplorável estado de alma; pesados ou de locomoção difícil, e crassos ou resistentes aos impulsos da alma. Em uma palavra, serão a expressão fiel da horrenda situação produzida na alma pelo ódio a Deus.

Quanto à ideia do Limbo, é preciso estabelecer a noção de “mansão dos mortos”, onde os justos do Antigo Testamento aguardavam a Redenção. Após o sacrifício de Cristo, que possibilitou o ingresso no Céu, este Limbo deixou de existir. Era, em linguagem Bíblica, o “Seio de Abraão”.

Quanto ao Limbo das crianças, não há, na Sagrada Escritura, referência a seu respeito. No entanto, apesar de a Igreja nunca ter definido sua existência, desde os tempos de Santo Agostinho, admitiu-se o Limbo como lugar destinado às crianças mortas sem batismo. Seria um “Inferno mitigado”. Outro ponto que deve ser destacado, porém, é que Deus quer que se salvem todos os homens (cf. 1Tm 2,4), acrescido da especial preferência de Jesus pelas crianças. “Do mesmo modo, o Pai que está nos céus não deseja que se perca nenhum desses pequenos” (Mt 18,14).

Assim, admitem aqueles teólogos que a oração da Igreja por todas as necessidades da humanidade e o oferecimento que os pais façam, a Deus, de seus filhos moribundos podem suprir os efeitos do batismo, como admitem também que o sofrimento e a morte das criancinhas não batizadas são, em virtude da paixão voluntária de Cristo, um “quase sacramento” de reconciliação, um certo batismo de penitência, que supre o batismo de água.

Apesar dessa concepção, o sacramento do batismo fica sendo a via normal instituída por Cristo para prover a Salvação dos homens; afastar-se voluntariamente dessa via é temerário, é tentar a Deus. Cumpram, pois, os pais e os pastores de almas as suas partes, proporcionando sem demora o batismo aos pequeninos.

Jesus disse, “há várias moradas”. Essas “moradas” ou graus de felicidade

correspondem ao grau de santidade de cada um. É certo que qualquer pessoa que morrer em estado de graça terá o Céu. Mas nem todo mundo é São Francisco ou Santa Teresinha ou João Paulo II. Cabe, aqui na Terra, a cada um, alargar a sua visão.

Já houve quem se servisse da imagem do dedal e do balde. O primeiro, com um pouco d'água, o segundo, com muita, ambos ficam repletos, saciados. Cabe-nos procurar ter a largueza de um ou outro. No Céu, a felicidade é completa – para cada pessoa. Todos são saciados – de acordo com sua sede. Cabe a cada um de nós aumentar sua receptividade à vida divina, abrir-se mais ao Bem, à Verdade, à Beleza.

Com a vinda de Jesus ao mundo, tudo que vivemos na eternidade já está plantado no chão da história humana. Jesus trouxe um lindo pedaço do Céu para esta terra. Assim, a vida eterna não é apenas uma meta para o futuro, mas uma realidade que pode ser experienciada aqui, nesta vida.

Por outro lado, quando Jesus nos fala da vida eterna como algo para o futuro, Ele está nos alertando acerca da precariedade deste mundo. Aqui tudo é transitório. A história caminha rumo à sua meta, mas Cristo não indicou qualquer prazo cronológico. Ilusórias e desviantes são, por tanto, as tentativas de previsão do fim do mundo. Cristo só nos assegurou de que o fim não acontecerá antes que a sua obra salvífica tenha alcançado uma dimensão universal através do anúncio do Evangelho.

"A Boa Nova do Reino será proclamada em todo mundo, como testemunho para todas as nações. E então virá o fim" (Mt 24,14). Jesus diz essas palavras aos discípulos preocupados por conhecer a data do fim do mundo. Eles teriam sido tentados a pensar numa data próxima. Jesus faz com que saibam que muitos eventos e cataclismos devem acontecer antes, que serão apenas "o começo das dores" (Mc 13,8).

Portanto, como diz Paulo, toda a criação "geme e sofre como que dores de parto", aguardando com impaciência a revelação dos filhos de Deus (cf. Rom 8,19-20). A obra evangelizadora do mundo comporta a profunda transformação

das pessoas humanas sob a influência da graça de Cristo. Paulo indicou a finalidade da história no desígnio do Pai de reunir sob a chefia de Cristo todas as coisas que há no Céu e na terra (cf. Ef 1,10). Cristo é o centro do universo que atrai todos a si para lhes comunicar a abundância da graça e da vida eterna. A Jesus, o Pai deu “o poder de julgar, pois ele é o Filho do homem” (Jo 5,27).

Se o juízo prevê obviamente a possibilidade da condenação, ele contudo é confiado àquele que é “Filho do Homem”, isto é, a uma pessoa plena de compreensão e solidária com a condição humana. Cristo é um juiz divino com um coração humano, um juiz que deseja dar a vida. Só o enraizamento obstinado no mal pode impedir-lo de exercer esse dom, pelo qual Ele não hesitou enfrentar a morte.

A dor é uma surpresa sempre. Por mais que se ensine que a dor é inerente à natureza, quando ela nos atinge fazemos um alarde: por que aconteceu isso logo comigo? Esse “logo comigo” é a expressão do nosso egoísmo, pois, se fosse com os outros, a dor não nos incomodaria.

A doença revela a fragilidade da natureza humana, mostra sua capacidade e seus limites. A grande luta da ciência está no prolongar a vida, no acabar com a dor, no extirpar as doenças. De quem herdamos nossa natureza humana? Evidentemente herdamos de nossos pais tudo o que havia de bom e o que havia de ruim, de fraco. Essa é uma das fontes da doença: uma natureza enfraquecida só pode transmitir fraqueza, a propensão para certas doenças, os desvios da hereditariedade.

Hoje vemos como o homem manipula a natureza em busca do lucro. Há ganhos, mas também perdas irremediáveis: contaminação da atmosfera, destruição da camada de ozônio, contaminação dos rios, dos alimentos, poluição ambiental, desequilíbrio do ecossistema... E nosso corpo é a vítima que não tem como resistir a tantas agressões. Aparecem as doenças. E doenças cada vez mais enigmáticas e que não conseguimos combater.

Podemos falar da força de destruição que essas manipulações criam. Deus não tem nada a ver com isso. Ele nos dá a vida, a capacidade de gerenciá-la. O que

resolvemos fazer é um problema que nos toca.

Muitas doenças são criadas pela mente humana em desequilíbrio. O descontrole faz com que as pessoas somatizem seus problemas, suas insatisfações. A falta de motivação para viver leva as pessoas a enfrentar situações dolorosíssimas.

A força da mente descontrolada projeta sobre o organismo a doença, que vem como uma fuga, uma chamada de atenção sobre si, uma desculpa para viver ou uma desistência de viver. É a incapacidade de enfrentar os problemas e as situações imprevistas ou desagradáveis.

Uma boa cabeça – um modo mais positivo de encarar a vida e os problemas – evitaria esses transtornos.

A doença pode levar-nos a reflexões valiosas e ricas, e conduzir-nos a um amadurecimento pessoal. Nas doenças o desespero não ajuda. O que pode ajudar é a solidariedade, a presença fraterna de pessoas abnegadas que se dedicam caridosamente aos enfermos.

Temos todo o direito de procurar a cura. Mas, quando precisamos enfrentar a doença, vamos nos associar aos ferimentos de Jesus na certeza de que Ele continua em nós sua história de paixão e de morte como caminho de ressurreição. São Paulo diz: “Eu completo em meu corpo o que falta à Paixão de Cristo”.

Desde os primórdios, a Igreja assistida pelo Espírito Santo (cf. Mt 28,20; Jo 14,15.25; 16,12-13), acredita na purificação das almas após a morte e chama esse estado – não um lugar – de Purgatório. Ao nos ensinar sobre essa matéria, diz o nosso Catecismo:

> “Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantida sua salvação eterna, passam, após sua morte, por uma purificação, a fim de obter a santidade necessária para entrar na alegria do Céu” (CIC 1030).

Logo, as almas do Purgatório “estão certas da sua salvação eterna”, e isso lhes dá grande paz e alegria. Sobre isso, disse o Papa João Paulo II:

“Mesmo que a alma tenha de sujeitar-se, naquela passagem para o Céu, à purificação das últimas escórias, mediante o Purgatório, ela já está cheia de luz, de certeza, de alegria, porque sabe que pertence para sempre ao seu Deus”.

O Catecismo da Igreja ensina ainda que:

> “A Igreja denomina Purgatório esta purificação final dos eleitos, que é completamente distinta do castigo dos condenados. A Igreja formulou a doutrina da fé relativa ao Purgatório sobretudo no Concílio de Florença (1438-1445) e de Trento (1545-1563)” (CIC 1031).

> “Este ensinamento apóia-se também na prática da oração pelos defuntos, da qual já fala a Escritura Sagrada: ‘Eis por que Judas Macabeus mandou oferecer este sacrifício expiatório pelos falecidos, a fim de que fossem purificados de seu pecado’ (2Mc 12,45). Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos e ofereceu sufrágios em seu favor, em especial o sacrifício eucarístico, a fim de que, purificados, eles possam chegar à visão beatífica de Deus. A Igreja recomenda também as esmolas, as indulgências e as obras de penitência em favor dos defuntos” (CIC 1032).

Devemos notar que o ensinamento sobre o Purgatório tem raízes já na crença dos próprios judeus, cerca de duzentos anos antes de Cristo, quando ocorreu o episódio de Judas Macabeus. Narra-se aí que alguns soldados judeus foram encontrados mortos num campo de batalha, tendo debaixo de suas roupas alguns objetos consagrados aos ídolos, o que era proibido pela Lei de Moisés. Então Judas Macabeus mandou fazer uma coleta para que fosse oferecido em Jerusalém um sacrifício pelos pecados desses soldados.

O autor sagrado, inspirado pelo Espírito Santo, louva a ação de Judas:

> “De fato, se ele não tivesse esperança na ressurreição dos que tinham morrido

> na batalha, seria supérfluo e vão orar pelos mortos. Mas, considerando que um ótimo dom da graça de Deus está reservado para os que adormecem piedosamente na morte, era santo e piedoso o seu modo de pensar. Eis por que mandou fazer o sacrifício expiatório pelos falecidos, a fim de que fossem absolvidos do seu pecado" (2Mc 12,44).

Nesse caso, vemos pessoas que morreram na amizade de Deus, mas com uma incoerência, que não foi a negação da fé, já que estava combatendo no exército do povo de Deus contra os inimigos da fé. Todo homem foi criado para participar da felicidade plena de Deus (CIC 1) e gozar de sua visão face a face.

Mas, como Deus é "Três vezes Santo", como disse o papa Paulo VI, e como viu o profeta Isaías (Is 6,3), não pode entrar em comunhão perfeita com Ele quem ainda tem resquícios de pecado na alma.

A Carta aos Hebreus diz que sem a santidade ninguém pode ver a Deus (cf. Hb 12,14). Então, a misericórdia de Deus dá-nos a oportunidade de purificação mesmo após a morte. Entenda, então, que o Purgatório, longe de ser castigo de Deus, é graça da sua misericórdia paterna.

O ser humano carrega consigo uma certa desordem interior, que deveria extirpar nesta vida; mas, quando não consegue, isso leva-o a cair novamente nas mesmas faltas. Ao confessar, recebemos o perdão dos pecados; mas infelizmente, para a maioria, a contrição ainda encontra resistência em seu íntimo, de modo que a desordem, a verdadeira raiz do pecado, não é totalmente extirpada. No Purgatório essa desordem interior é destruída por completo, e a alma chega à santidade perfeita, podendo entrar na comunhão plena com Deus, pois, com amor intenso a Ele, rejeita todo pecado.

Com base nos ensinamentos de São Paulo, a Igreja entendeu também a realidade do Purgatório. Em 1Cor 3,10, fala-se de pessoas que construíram sobre o fundamento que é Jesus Cristo, utilizando, uns, material precioso, resistente ao fogo (ouro, prata, pedras preciosas), e, outros, materiais que não resistem ao fogo (palha, madeira). São todos fiéis a Cristo, mas uns com muito zelo e fervor,

e outros com tibieza e relutância. E Paulo apresenta o juízo de Deus sob a imagem do fogo a provar as obras de cada um. Se a obra resistir, seu autor "receberá uma recompensa"; mas, se não resistir, seu autor "sofrerá detrimento", isto é, uma pena – que não será a condenação, pois o texto diz explicitamente que o trabalhador "se salvará, mas como que através do fogo", isto é, com sofrimento. O fogo, nesse texto, tem sentido metafórico e representa o juízo de Deus (cf. Sl 78,5; 88,47; 96,3).

O Purgatório não é de fogo terreno, já que a alma, sendo espiritual, não pode ser atingida por esse fogo. No Purgatório a alma vê com toda a clareza sua vida tíbia na terra, seu amor insuficiente a Deus, e rejeita então toda a incoerência a esse amor, vencendo assim as paixões que neste mundo se opuseram à vontade santa de Deus. Nesse estado, a alma se arrepende até o extremo de suas negligências durante esta vida, e o amor a Deus extingue nela os afetos desregrados, de modo que ela se purifica. Dessa forma, a alma sofre por ter sido negligente e atrasado, assim, por culpa própria, seu encontro definitivo com Deus. É um sofrimento nobre e espontâneo, inspirado pelo amor de Deus e seu horror ao pecado.

São Francisco de Sales tem um ensinamento maravilhoso sobre o Purgatório. Ele dizia que "é preciso tirar mais consolação do que temor do pensamento do Purgatório". No Purgatório as almas vivem uma contínua união com Deus. Estão perfeitamente conformadas com a vontade de Deus. Só querem o que Deus quer. Se lhes fosse aberto o Paraíso, prefeririam precipitar-se no Inferno a apresentar-se manchadas diante de Deus. Purificam-se voluntariamente, amorosamente, porque assim o quer Deus. Querem permanecer na forma que agrada a Deus e por todo o tempo que for da vontade dele. São invencíveis na prova e não podem ter nem um movimento sequer de impaciência, nem cometer qualquer imperfeição. Amam mais a Deus do que a si próprias, com amor simples, puro e desinteressado. São consoladas pelos anjos. Estão certas da sua salvação, com uma esperança inigualável. As suas amarguras são aliviadas por uma paz profunda. Se é infernal a dor que sofrem, a caridade – que é mais forte do que a

morte e mais poderosa que o Inferno – derrama-lhes, no coração, inefável ternura. Por fim, o Purgatório é um feliz estado, mais desejável que temível, porque as chamas que lá existem são chamas de amor.

> “Ninguém pode resgatar a si mesmo ou dar a Deus o seu preço. Por mais que se pague o resgate de uma vida, jamais poderá bastar para viver sem fim e não ver o túmulo. Verá morrer os sábios; o louco e o insensato morrerão juntos, deixando a outros sua riquezas. O sepulcro será sua casa para sempre, sua morada por todas as gerações, no entanto deram seu nome à terra. Mas o homem na prosperidade não compreende, é como os animais que perecem. Esta é a sorte de quem confia em si mesmo, o futuro de quem se compraz nas suas palavras. Como ovelhas, são levados ao lugar dos mortos, a morte será o seu pastor; descerão empurrados ao sepulcro, todo seu orgulho vai acabar, a mansão dos mortos, será sua morada. Mas Deus vai resgatar-me, vai livrar-me do poder do Abismo. Não te preocupes se vires alguém enriquecer-se e se aumenta a glória da sua casa. Quando morrer, nada leva consigo, nem desce com ele a sua glória. Na sua vida se dizia felizardo: ‘Vão te louvar, teus negócios vão bem’. Mas vai juntar-se à geração de seus pais que nunca mais verão a luz. O homem na prosperidade não compreende, é como os animais que perecem” (Sl 48,8-21).

Refletindo sobre a morte e sobre a vida

Diante do mistério da morte, especialmente a partir da dor da perda de um ente querido, sempre vem à tona o questionamento acerca da vontade de Deus. O argumento é muito simples. Se tudo que acontece é com o consentimento de Deus, por que Ele não impede a morte de alguém? Se até nosso cabelo está contado? No pai-nosso aprendemos a rezar: “seja feita a vossa vontade”, então, por que a morte não é vontade de Deus? Por que Deus não protege um filho cuja mãe reza tanto por sua proteção, mesmo sabendo da imprudência desse filho? Se Deus é tão bom, por que não impede a morte de uma pessoa? Por que permite o sofrimento? É pecado se revoltar contra Deus?

Tente responder, serenamente, a cada uma dessas perguntas. Esse é um segredo para a cura dos traumas de morte. A própria notícia a respeito da morte de alguém pode ser uma fonte permanente de traumas, além das dificuldades relacionadas com a morte: solidão, saudade, aceitação, sentimento de perda, ausência, medo de morrer, sofrimento...

Muitas vezes, pela dor da perda e pela dificuldade de aceitação, a pessoa cria mecanismos psicológicos como tentativa de defesa. Conforme a intensidade da relação com o falecido, chega-se a sentir, quase que fisicamente, a presença da pessoa. Na verdade, é uma projeção do inconsciente. A pessoa morta jamais entrará em contato com o mundo dos vivos. A morte cria-lhe uma barreira eterna. A única comunhão possível é da parte dos vivos.

Sentir a presença de quem já morreu é uma tentativa do inconsciente de amenizar a dor da perda e também de resolver problemas que não foram resolvidos em vida. Essa sensação é infantil e muito perigosa, já que ajuda a criar falsas doutrinas sobre a morte e sobre a vida eterna.

Quando alguém diz que sente a presença do falecido, está de fato tentando resolver, de um modo errado, um problema que humanamente não tem solução. Infelizmente, a grande maioria dos traumas de morte está relacionada com o peso de consciência de quem fica sempre achando que não fez tudo que poderia ter feito. Há casos em que a pessoa se penitencia até mesmo por não ter sofrido com a morte do outro. Pior quando a pessoa, consciente ou inconsciente, chega a

se alegrar ou sentir um certo alívio com a morte do outro. Normalmente, nesses casos, leva-se muito tempo para superar o trauma.

Traumas não superados são geradores de novos traumas. A morte mal digerida e mal acolhida gesta o medo. Medo de defunto, medo da morte, medo de ir ao velório, medo de passar perto de cemitério. É comum também o medo de perder o outro e o medo da própria morte. Não existe nenhuma outra forma de enfrentar esses traumas senão assumi-los, compreendê-los e superá-los.

O que não devemos permitir são as falsas soluções. Além de não resolver, elas pioram muito o problema. No transtorno de um trauma, qualquer palavra ganha importância fundamental. Esse é um terreno fértil para as falsas doutrinas. Existem situações em que a pessoa fica impressionada, pois alguém, citando elementos reencarnacionistas, falou coisas a respeito do morto, ou do vivo, que parecem ter se encaixado perfeitamente. Como é que fulano sabia dessas coisas? Era algo íntimo. O fato é que, no fundo, todos somos absolutamente iguais. O problema de um é sempre o problema do outro. Só muda o endereço.

Não é difícil adivinhar o que a pessoa sente quando perde alguém. Todos sentimos o mesmo. Lógico que num universo tão amplo não é difícil acertar duas ou três coisas a respeito da pessoa falecida. O problema é mais grave ainda quando se usa como fundamentação um ou outro versículo isolado da Sagrada Escritura.

A Bíblia é cheia de coincidências, repetições de histórias e parábolas que precisam ser lidas no seu contexto. Quando isoladas, podem servir para qualquer coisa, menos para ser o que são: Palavra de Deus. Assim, retoma-se o que Jesus disse para Nicodemos sobre a necessidade de nascer de novo (Jo 3,3) e mistura-se com o nascimento de João Batista, o novo Elias (Lc 1,13-17), que estará presente, ao lado de Moisés, no monte Tabor (Mt 17,11-13). Ora, se João Batista é o Elias reencarnado; como agora ele voltou a ser Elias? Que tipo de reencarnação é essa em que a alma reassume o corpo que quer, inclusive o próprio, e aparece quando bem entende?

Todas as formas de adivinhação hão de ser rejeitadas: recurso a satanás ou aos

demônios, evocação dos mortos ou outras práticas que erroneamente se supõe “descobrir o futuro”. A consulta aos horóscopos, a astrologia, a quiromancia, a interpretação de presságios e da sorte, os fenômenos de visão, o recurso a médiuns, tudo isso esconde uma vontade de poder sobre o tempo, sobre a história e, finalmente, sobre os homens, ao mesmo tempo em que reflete o desejo de ganhar para si os poderes ocultos. Essas práticas contradizem a honra e o respeito que, unidos ao amor, devemos exclusivamente
a Deus.

Todas as práticas de magia ou de feitiçaria com as quais a pessoa pretende domesticar os poderes ocultos, para colocá-los a seu serviço e obter um poder sobrenatural sobre o próximo – mesmo que seja para proporcionar a este a saúde – são gravemente contrárias à fé cristã. Essas práticas são ainda mais condenáveis quando acompanhadas de uma intenção de prejudicar aos outros, ou quando recorrem à intervenção dos demônios. O uso de amuletos também. O espiritismo implica frequentemente práticas de adivinhação ou de magia. O recurso aos assim chamados remédios tradicionais não legitima nem a invocação dos poderes maléficos nem a exploração da credulidade alheia.

Quando a pessoa se deixa levar pelas falsas doutrinas, acaba criando um círculo vicioso de contaminação e mentira. A evocação dos mortos é explicitamente condenada em várias passagens bíblicas, pois quem se dedica a esse mal acaba sendo canal de muitas contaminações para os outros.

O mal tem força suficiente para danar a vida de uma pessoa. Praga pega. Dependendo de quem roga e também depende da abertura que o praguejado dá. Sem a permissão pessoal, nem praga, nem bênção pode atingir uma pessoa.

É preciso trabalhar também na eliminação do complexo de culpa. Mesmo tendo feito todo o possível pelo falecido, não é incomum sobrar o complexo, que, se não for eliminado do modo correto, torna-se um terreno propício para a gestação dos traumas e das falsas soluções a respeito da morte.

Só existe uma coisa que podemos fazer pelos nossos falecidos: oração! Que pode ser pessoal, comunitária, litúrgica, na igreja ou no cemitério. Fora isso,

qualquer coisa que se fale é inspiração encardida que precisa ser eliminada. A oração ajuda os vivos e os mortos.

A oração pelos mortos, além de ser uma solidariedade afetiva, é um costume sadio e belo da grande maioria das regiões. Rezar por eles é acreditar que a vida não termina com o último suspiro. É acreditar na eternidade da vida. É acreditar que a pessoa falecida continua sendo a mesma, melhorada, plenificada e transformada. Ela continua crescendo no plano espiritual. Esse crescimento nunca para. É o eterno louvor.

É preciso entender bem o sentido da oração pelos mortos, para não cairmos nas bobagens que muitas vezes somos obrigados a ouvir. Quando uma pessoa sonha com o defunto, alguém diz que é sinal de que ele está precisando de oração e que o sonho foi uma forma que ele encontrou para se comunicar. Que fique claro: morto não se comunica. Nunca! Com ninguém. Nossa oração tem o grande sentido da comunhão dos santos. Como formamos uma única Igreja, nos unimos em oração. Aliás, essa é a única forma de efetiva unidade com os mortos – a oração.

A pessoa falecida não pede nada aos vivos. Morto não tem como mandar recado, nem por sonho, nem por visão e muito menos por sinais. Os sinais não passam de coincidências, de releituras de fatos e acontecimentos, vistos a partir da dor da perda. Alimentá-los é terrível, pois se alimentam os traumas e o sofrimento.

Conforme a dor que a pessoa está sentindo pela perda, uma palavra pode ser fonte de vida ou de morte. É muito perigoso o contato com pessoas que afirmam receber mensagens de Deus a respeito dos mortos. Quem deseja saber o que Deus pensa sobre esse assunto, basta meditar em tudo que Jesus fez e ensinou a respeito da morte, especialmente a partir de sua ressurreição. Ninguém consegue explicar o motivo da morte do outro. Deus não revela essas coisas.

Todos nós vamos morrer. Esse é um evento tão natural quanto nascer, crescer ou ter filhos. No entanto, a ideia da morte parece ter relação com filme de terror. Pena! A morte faz parte da vida. Todos começamos a morrer exatamente no dia

em que nascemos. A morte é uma etapa da nossa existência. Não pensar nela não a afasta de nós e de nossos familiares. Ela é certeza absoluta e não um evento artificial, inesperado, exclusivo e injusto.

Parece que pensar na morte estraga a vida. A valorização da vida e a ilusão de eterna beleza e jovialidade trazidas pela vida moderna acabam gerando, por meio do apego a tudo isso, muito mais tristeza e sofrimento pelo fim inevitável da existência do que felicidade pelo mais de vida que proporcionam.

O mundo moderno transformou a morte em tabu, e por isso ela precisa ser escondida das crianças e eliminada das conversas do dia-a-dia. Tudo aquilo que possa lembrá-la é escamoteado. Só que isso não contribui em nada para ajudar a melhor compreensão a respeito da morte – e da vida. Não podemos mudar o fato de que vamos morrer um dia, mas podemos e devemos mudar o jeito como nos relacionamos com esse fato.

É preciso compreender melhor a morte e partilhar a vida. Quem se isola na vida acaba isolado na morte. É preciso aprender a viver por algo ou por alguém. Quanto mais centrado em si mesmo, sem compartilhar com os outros as alegrias e as frustrações, mais a pessoa sofre com a ausência de solidariedade e carinho. Quanto menos se compartilha a dor, mais insuportável ela se torna.

As experiências de perdas que temos ao longo da vida podem nos fechar num egoísmo macabro ou nos ensinar a viver e conviver melhor. É questão de escolha.

A morte é a experiência da grande perda, mas diariamente convivemos com situações de morte. Cada vez que perdemos algo ou alguém, estamos nos preparando para a grande hora da morte. O modo como reagimos e o que aprendemos com essas situações nos ajudarão nessa grande hora.

Nada dura para sempre. Só a vida, depois da morte, é eterna. Aqui, tudo é transitório e passageiro. Tudo que nos acontece é preparação para a grande hora. A morte não virá de supetão. Ela nos manda avisos e recados constantes. Cada vez que morre alguém próximo a nós, é como se a morte estivesse nos avisando: estou chegando perto de você. Quer aviso mais evidente?

Para que esses avisos de morte que recebemos não se transformem em ameaças tolhedoras da vida, precisamos alimentar nossa fé. Sem a fé a pessoa se perde completamente, já que será tomada pelo medo da morte. O medo da morte impede de saborear a vida e de viver bem. A fé nos dá certezas sobre a vida. Quem sabe para onde vai não se enrosca nos obstáculos cotidianos.

A certeza da vida eterna nos torna mais responsáveis pela consequência de todos os nossos atos. A fruta caída do pé da árvore morre, mas deixa sua semente. Assim acontece conosco.

A sociedade capitalista do Ocidente tenta negar não só a morte, mas tudo que possa lembrar nossa situação de finitude e fraqueza. A ideia falsa da eterna juventude, os ideais dos progressos científicos, a acumulação dos bens e o apelo ao consumismo são tentativas de negar o que todo mundo sabe. O presente perpétuo e imediato é sonho estragado que nasce no coração de todos aqueles que não assumem a morte como uma amiga, que nos revela quem verdadeiramente somos. Conforme se vive, se morre.

Segundo a fé cristã, a morte não é o fim, mas o novo começo; é o encontro definitivo com Deus e a entrada numa dimensão plena junto a Ele. O cristão jamais pode falar de morte sem falar em ressurreição. Todos seremos ressuscitados por Deus, do mesmo jeito como Ele ressuscitou Jesus.

A certeza a respeito da ressurreição nos ajuda a descobrir o valor da vida terrena e do corpo humano. É o ser humano, na sua totalidade – e não somente uma parte dele – que participará da vida eterna. A ressurreição não pode ser entendida como revitalização do cadáver. A Igreja jamais afirmou que a mesma matéria deve ser necessária para se dizer que o corpo é o mesmo. O corpo humano será transformado e ressuscitará pleno, sem nenhuma limitação ou doença.

De algum modo, todavia, permanecerá sempre o mesmo. É por isso que vamos nos reconhecer na eternidade, a grande comunidade dos que acolheram a graça de Deus. No Céu nos relacionaremos com as pessoas. Deus assume tudo que somos, toda nossa história. E tudo isso será plenificado.

Morte e Vida na Bíblia

No Antigo Testamento encontramos o tema da morte retratado de um modo absolutamente natural, pela maneira como é descrita a morte dos grandes personagens; ou, muitas vezes, não passa de uma meditação, na qual a aceitação da morte é uma necessidade absolutamente natural.

Com Jesus, especialmente a partir do mistério de sua morte e ressurreição, a morte torna-se um caminho para Deus. Por isso São Francisco de Assis aprendeu a chamá-la de irmã. Aliás, uma irmã muito querida, já que é graças a ela que nos encontramos, definitivamente, com Deus.

Mais importante é perceber que a Bíblia não escamoteia o tema. Seja nas lindas orações dos salmistas, nas reflexões sapienciais ou até mesmo na pregação profética:

> “Dá-me a conhecer, Senhor, o meu fim, qual seja a extensão de meus dias. Quero saber como sou frágil. [...] E a duração da minha vida é um nada à tua frente. Como um sopro é todo ser humano! Como sombra que se desfaz é todo mortal! Agita-se por um nada, acumula riquezas e não sabe quem as terá como herança” (Sl 38,5-7).
>
> “Lembrai-te como sou passageiro: acaso criaste para nada todos os homens? Quem é que pode viver e não ver a morte? Quem pode livrar sua alma do poder do abismo?” (Sl 88,48-49).
>
> “Pois o ser humano se encaminha para a morada eterna [...]. Antes que se rompa o cordão de prata e se despedace a taça de ouro, a jarra se quebre na fonte e a roldana se arrebente no poço, antes que volte o pó à terra, de onde veio, e o espírito retorne a Deus, que o concedeu” (Ecl 12,5-7).
>
> “Não procureis a morte com uma vida desregrada, e não provoqueis a ruína com as obras de vossas mãos. Pois Deus não fez a morte, nem se alegra com a perdição dos vivos. Ele criou todas as coisas para existirem, e as criaturas do orbe terrestre são saudáveis; nelas não há nenhum veneno mortal, e não é o mundo dos mortos que reina sobre a terra, pois a justiça é imortal. Mas os ímpios chamam a morte com gestos e palavras: considerando-a amiga, perderam-se e fizeram aliança com ela: de fato, são dignos de pertencer ao

seu partido” (Sb 1,12-16).

“Toda carne envelhece como a roupa e como a folha que dá fruto na árvore verde: umas nascem e outras caem; assim é a geração da carne e do sangue: uma termina, a outra nasce. Toda obra corruptível, no fim, acaba e com ela se vai quem a realizou” (Eclo 14,18-20).

“Quem de vós pode, com sua preocupação, acrescentar um só dia à duração de sua vida?” (Mt 6,27).

“E agora vós, o que dizeis: ‘Hoje ou amanhã iremos a tal cidade, passaremos ali um ano, negociando e ganhando dinheiro’! No entanto, não sabeis nem mesmo o que será da vossa vida amanhã! De fato, não passais de uma neblina que se vê por um instante e logo desaparece. Em vez de dizer: ‘Se o Senhor quiser, estaremos vivos e faremos isto ou aquilo’” (Tg 4,13-15).

“Cristo Jesus, o qual destruiu a morte e fez brilhar a vida e a imortalidade por meio do Evangelho” (2Tm 1,10).

“Para mim, de fato, o viver é Cristo e o morrer, lucro” (Fl 1,21).

“Ele é Deus não de mortos, mas de vivos!” (Mt 22,32).

“A morte foi tragada pela vitória; onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão?” (1Cor 15,54-55).

“Vigiai, portanto, pois não sabeis em que dia virá o vosso Senhor” (Mt 24,42).

“E, se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo dentre os mortos vivificará também vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós” (Rm 8,11).

“Cristo ressuscitou dos mortos como primícias dos que morreram! Com efeito, por um homem veio a morte e é também por um homem que vem a ressurreição dos mortos. Como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos serão vivificados” (1Cor 15,20-22).

“Nós, ao contrário, somos cidadãos do céu. De lá aguardamos como salvador o Senhor Jesus Cristo. Ele transformará o nosso corpo, humilhado, tornando-o semelhante ao seu corpo glorioso, graças ao poder que o torna capaz também

de sujeitar a si todas as coisas” (Fl 3,20-21).

“Não tenhas medo! Eu sou o Primeiro e o Último, aquele que vive. Estive morto, mas agora estou vivo para todo o sempre. Eu tenho a chave da Morte e da Morada dos mortos” (Ap 1,17b-18).

“Vi também os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono. Foram abertos livros, e mais um outro livro ainda: o livro da vida. Então foram julgados os mortos, de acordo com sua conduta, conforme está escrito nos livros” (Ap 20,12).

“Esta é a morada de Deus-com-os-homens. Ele vai morar junto deles. Eles serão o seu povo, e o próprio Deus-com-eles será seu Deus. Ele enxugará toda lágrima dos seus olhos. A morte não existirá mais, e não haverá mais luto, nem grito, nem dor, porque as coisas anteriores passaram. Aquele que está sentado no trono disse: ‘Eis que faço novas todas as coisas’” (Ap 21,3b-5).

“Eis que venho em breve, trazendo comigo a minha recompensa, para retribuir a cada um segundo as suas obras. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Começo e o Fim. Felizes os que lavam suas vestes, pois assim poderão dispor da árvore da vida e entrar na cidade pelas portas” (Ap 22,12-14).

“O que Deus preparou para os que o amam é algo que os olhos jamais viram, nem os ouvidos ouviram, nem coração algum jamais pressentiu” (1Cor 2,9).

“Combate o bom combate da fé, conquista a vida eterna, para a qual foste chamado” (1Tm 6,12).

Na oração da Igreja

A Igreja tem consciência da necessidade de se rezar para superar os traumas deixados pela morte, por isso é sempre presente nesses difíceis momentos pelos quais todos passamos. Mas a oração da Igreja não é uma oração de lamúria e de dor. Em tudo e acima de tudo, aproveita-se o momento da morte para reafirmar a fé na ressurreição. Essa é a nossa palavra final: ressurreição!

Desde as orações e bênçãos feitas na casa do morto, ou no velório, até as encomendações no cemitério e junto ao túmulo, em tudo transparece a certeza de que a morte não é o fim e nem tem a última palavra. O convite oracional é sempre no sentido de celebrar a fé na ressurreição.

Encomendação

É a última despedida ao ente querido com o grande objetivo de reacender a esperança na ressurreição e a certeza de um reencontro alegre no Coração de Deus.

O corpo é abençoado, evidenciado seu caráter sagrado e a convicção de que será transformado:

> *"Dai-lhe, Senhor, o repouso eterno e brilhe para ele a vossa luz. Acolhei a sua alma, levando-a à presença do Altíssimo.*
>
> *Nas vossas mãos, Pai de misericórdia, entregamos este nosso irmão na firme esperança de que ressuscitará com Cristo no último dia, como todos os que em Cristo adormeceram. Nós vos damos graças pela vida e pelos dons que lhe concedestes ao nosso irmão, tornando-o instrumento de vossa bondade e da união de todos em Cristo. Fazei que um dia nos encontremos todos convosco, na alegria celeste".*

Por fim, para evidenciar ainda mais a presença de Deus no momento difícil da separação definitiva, abençoa-se a sepultura, lugar da última morada:

> *"Senhor Jesus Cristo, permanecendo três dias no sepulcro, santificastes o túmulo dos vossos fiéis, para que, recebendo nossos corpos, fizesse crescer a esperança de nossa ressurreição. Que o corpo de nosso irmão descanse em paz, até que vós, Senhor da vida, o ressusciteis para*

contemplar a luz eterna na visão de vossa face”.

Missa de exéquias

É muito longa a tradição da Igreja de celebrar a Eucaristia em sufrágio das almas. O missal romano nos oferece uma variada gama de orações que podem ser adaptadas às circunstâncias da comunidade.

Em cada prefácio das missas pelos fiéis defuntos, somos convidados a meditar sobre um aspecto de nossa fé na vida plena trazida por Jesus:

> *“Em Cristo brilhou para nós a esperança da feliz ressurreição. E, aos que a certeza da morte entristece, a promessa da imortalidade consola. Senhor, para os que creem em vós, a vida não é tirada, mas transformada. E, desfeito o nosso corpo mortal, nos é dado, nos Céus, um corpo imperecível”*.
>
> *“Jesus aceitou morrer na cruz para nos livrar a todos da morte. Entregou de boa vontade sua vida, para que pudéssemos viver eternamente”*.
>
> *“Por vossa ordem, nós nascemos; por vossa vontade, somos governados; e por vossa sentença retornamos à terra por causa do pecado. Mas, salvos pela morte de vosso Filho, ao vosso chamado despertaremos para a ressurreição”*.
>
> *“Por nossa culpa, somos condenados a morrer; mas, quando a morte nos atinge, vosso amor de Pai nos salva. Redimidos pela morte de vosso Filho, participamos de sua ressurreição”*.

Nas orações fixas da Missa, temos a oportunidade de retomar os pontos principais de nossa fé na ressurreição. Todas as orações, para todas as circunstâncias, explicitam que a palavra final é a ressurreição:

> *“Ó Deus, Pai todo-poderoso, cremos que vosso Filho morreu e ressuscitou por nós; concedei que por esse mistério nosso irmão, adormecido em Cristo, por Ele ressuscite para a alegria eterna”*.
>
> *“Ó Deus, que amais a misericórdia e o perdão, nós vos suplicamos pelo vosso filho, que chamastes à vossa presença; concedei-lhe que seja*

conduzido à verdadeira pátria e goze a eterna alegria, porque sempre acreditou e confiou em vós”.

“Ó Deus, vós sois misericórdia para os pecadores e felicidade para os Santos, concedei ao vosso filho, que piedosamente sepultamos, receber o prêmio com os vossos santos e, livre dos laços da morte, apresentar-se diante da vossa face no dia da ressurreição”.

“Ó Deus, só vós podeis dar a vida após a morte; livrai o vosso filho de todos os pecados, para que possa juntar-se a vós na glória da ressurreição, porque acreditou no Cristo ressuscitado”.

“Ó Deus, em vós os mortos vivem e os Santos exultam de felicidade; ouvi as nossas preces e concedei ao vosso filho, para quem se apagou a luz deste mundo, o fulgor da luz que não se extingue”.

Gotas de cura interior



Pe. Léo, SCJ

Canção Nova
EDITORA

Gotas de cura interior

Padre Léo
9788576775928
192 páginas

Compre agora e leia

"O ser humano nasceu para ser feliz, completamente feliz. O ser humano nasceu com tudo programado para a felicidade. Você nasceu para dar certo. Esse é o grande projeto de Deus para sua vida. Esse é Seu grande segredo." Estamos com a faca e o queijo nas mãos. Somos livres para escolher os caminhos a trilhar. Mas por que, então, muitas vezes não conquistamos a felicidade? Neste livro, padre Léo nos ensina que toda liberdade traz uma igual dose de responsabilidade: precisamos de constância, perseverança, atitude e da tranqüilidade para esperar nossos bons frutos amadurecerem. Mas padre Léo também sabe o quanto, hoje em dia, somos ávidos por resultados imediatos. E é a partir dessa preocupação que ele inicia seu livro, com a imagem dos belos jardins de Israel cultivados em pleno deserto com base em um princípio tão simples e eficaz quanto sábio: o gotejamento. Com essa idéia em mente, o autor nos apresenta as gotas que devemos deixar regar nosso coração a cada dia, em busca da cura interior. Bom humor, linguagem direta, diversas histórias ilustrativas e o respaldo da Palavra: é com esses instrumentos que vamos conhecendo as gotas do perdão, do amor, da perspectiva positiva da vida, da valorização do tempo presente.

Compre agora e leia


Márcio Mendes
30
MINUTOS
PARA MUDAR
O SEU DIA
Quando uma simples oração
pode transformar absolutamente tudo

30 minutos para mudar o seu dia

Mendes, Márcio
9788576771494
87 páginas

Compre agora e leia

As orações neste livro são poderosas em Deus, capazes de derrubar as barreiras que nos afastam Dele. Elas nos ajudarão muito naqueles dias difíceis em que nem sequer sabemos por onde começar a rezar. Contudo, você verá que pouco a pouco o Espírito Santo vai conduzir você a personalizar sempre mais cada uma delas. A oração é simples, mas é poderosa para mudar qualquer vida. Coisas muito boas nascerão desse momento diário com o Senhor. Tudo pode acontecer quando Deus é envolvido na causa, e você mesmo constatará isso. O Espírito Santo quer lhe mostrar que existe uma maneira muito mais cheia de amor e mais realizadora de se viver. Trata-se de um mergulho no amor de Deus que nos cura e salva. Quanto mais você se entregar, mais experimentará a graça de Deus purificar, libertar e curar seu coração. Você receberá fortalecimento e proteção. Mas, o melhor de tudo é que Deus lhe dará uma efusão do Espírito Santo tão grande que mudará toda a sua vida. Você sentirá crescer a cada dia em seu interior uma paz e uma força que nunca havia imaginado ser possível.

Compre agora e leia



Pe. Alexandre Lopes Alessio, cr

Famílias edificadas no Senhor

Canção Nova
EDITORA

Famílias edificadas no Senhor

Alessio, Padre Alexandre
9788576775188
393 páginas

Compre agora e leia

Neste livro, Pe. Alexandre nos leva a refletir sobre o significado da família, especialmente da família cristã, uma instituição tão humana quanto divina, concebida pelo matrimônio. Ela é o nosso primeiro referencial, de onde são transmitidos nossos valores, princípios, ideais, e principalmente a nossa fé. Por outro lado, a família é uma instituição que está sendo cada vez mais enfraquecida. O inimigo tem investido fortemente na sua dissolução. Por isso urge que falemos sobre ela e que a defendamos bravamente. Embora a família realize-se entre seres humanos, excede nossas competências, de tal modo que devemos nos colocar como receptores deste dom e nos tornarmos seus zelosos guardiões. A família deve ser edificada no Senhor, pois, assim, romperá as visões mundanas, percebendo a vida com os óculos da fé e trilhando os seus caminhos com os passos da fé. O livro Famílias edificadas no Senhor, não pretende ser um manual de teologia da família. O objetivo é, com uma linguagem muito simples, falar de família, das coisas de família, a fim de promovê-la, não deixando que ela nos seja roubada, pois é um grande dom de Deus a nós, transmitindo, assim, a sua imagem às futuras gerações.

Compre agora e leia


JOVEM,
O CAMINHO SE FAZ
CAMINHANDO
DUNGA
Editora Canção Nova

Jovem, o caminho se faz caminhando

Dunga
9788576775270
178 páginas

Compre agora e leia

"Caminhante, não há caminho; o caminho se faz caminhando - desde que caminhemos com nosso Deus.” Ao ler este comentário na introdução do livro dos Números, na Bíblia, o autor, Dunga, percebeu que a cada passo em nossa vida, a cada decisão, queda, vitória ou derrota, escrevemos uma história que testemunhará, ou não, que Jesus Cristo vive. Os fatos e as palavras que em Deus experimentamos serão setas indicando o caminho a ser seguido. E o caminho é Jesus. Revisada, atualizada e com um capítulo inédito, esta nova edição de Jovem, o caminho se faz caminhando nos mostra que a cura para nossa vida é a alma saciada por Deus. Integre essa nova geração de jovens que acreditam na infinitude do amor do Pai e que vivem, dia após dia, Seus ensinamentos e Seus projetos. Pois a sede de Deus faz brotar em nós uma procura interior, que nos conduz, invariavelmente, a Ele. E, para alcançá-Lo, basta caminhar, seguindo a rota que Jesus Cristo lhe indicará.

Compre agora e leia


Padre Joãozinho, scj
#minisermao
A Palavra certa para as horas incertas!
Canção Nova
EDITORA

#minisermão

Almeida, João Carlos
9788588727991
166 páginas

Compre agora e leia

Uma palavra breve e certeira pode ser a chave para abrir a porta de uma situação difícil e aparentemente insuperável. Cada #minisermão deste livro foi longamente refletido, testado na vida, essencializado de longos discursos. É aquele remédio que esconde, na fragilidade da pílula, um mar de pesquisa e tecnologia. Na verdade, complicar é muito simples. O complicado é simplificar, mantendo escondida a complexidade. É como o relógio. Você olha e simplesmente vê as horas, sem precisar mais do que uma fração de segundo. Não precisa fazer longos cálculos, utilizando grandes computadores. Simples assim é uma frase de no máximo 140 caracteres e que esconde um mar de sabedoria fundamentado na Palavra de Deus. Isto é a Palavra certa... para as horas incertas.

Compre agora e leia